

**OS SENTIDOS DA CASA: DINÂMICAS ENTRE HISTORIAS DE VIDA E
MERCADO IMOBILIÁRIO EM UM CONDOMÍNIO HORIZONTAL**



Ranna Iara de Pinho Chaves Almeida

**OS SENTIDOS DA CASA: DINÂMICAS ENTRE HISTÓRIAS DE VIDA E
MERCADO IMOBILIÁRIO EM UM CONDOMÍNIO HORIZONTAL.**

Monografia de Graduação apresentada ao
Departamento de Antropologia da Universidade
de Brasília.

Ranna Iara de Pinho Chaves Almeida

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristina Patriota de Moura (Orientadora)

Profa. Dra. Mariza Veloso Motta Santos

Brasília – Distrito Federal
2011

Agradecimentos

Depois da longa caminhada chegamos aqui. Digo “chegamos” porque todos que me acompanharam me parecem mais próximos do que nunca.

Obrigada Deus por ter me dado a oportunidade de fazer a viagem mais incrível de minha vida.

Obrigado mãe, pela paciência, amor, carinho, pelos “puxões de orelha”, por me fazer querer ser melhor.

Obrigada vovó pelo abraço mais gostoso do mundo!

Obrigada Tia Lena e Tio Moura, por me acolher de maneira tão carinhosa nesses cinco anos de mudança em minha vida.

Obrigada Tia Lúcia, Tio Frederico, Tia Miriam e Tio Vicente pelo suporte e pela acolhida.

Obrigada Sarah, Clara, Luísa e Marcella por me fazer ver que a oportunidade que eu tenho lhes dá orgulho.

Obrigada as minhas amigas e meus amigos de Ipameri, vocês são meu porto seguro.

Obrigada aos meus amigos de universidade pela interminável aventura que é descobrir vocês todos os dias.

Obrigada a minha orientadora, Cristina Patriota de Moura, devo este trabalho a você!

*“É o projeto da casa, é o corpo na cama
É o carro enguiçado, é a lama, é a lama”
(Águas de Março – Tom Jobim)*

Em memória ao baiano arretado: Francisco.

Sumário

Lista de Siglas	6
Introdução	7
1. Etnografando encontros	13
1.1. Cena1- A primeira incursão: saída de campo	14
1.2. Cena 2 - Seu Chiquinho: memória e vida	18
1.3. Cena 3 – Sofia e os laços familiares	20
1.4. Cena 4 – Visitas	21
1.5. Cena 5 – A política e a vida nos condomínios	23
2. Histórias de Vida	26
2.1. Sofia	26
2.2. Seu Chiquinho	31
2.3. Henrique	33
3. Expansão Urbana no Distrito Federal: história, memória e projetos de vida	40
3.1. Um giro pelo Distrito Federal	40
3.2. Ocupação urbana brasiliense: história, memória, projeto de vida e mercado imobiliário.	43
Conclusão	58
Bibliografia	60

Lista de Siglas

AFEIVIPS – Associação dos Feirantes de Vicente Pires

APA – Área de Proteção Ambiental

APP – Área de Proteção Permanente

GDF – Governo do Distrito Federal

ONG – Organização Não Governamental

Proic – Programa de Iniciação Científica

PDOT – Plano Diretor de Ordenamento Territorial

SEAF – Secretaria de Estado de Assuntos Fundiários

SEDUMA – Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Habitação

ÚNICA-DF - União dos Condomínios Horizontais e Associações de Moradores no Distrito Federal

Introdução

Busco nesse trabalho mostrar um estudo de caso referente a um condomínio horizontal específico, situado na região do Grande Colorado, ao Norte do Plano Piloto. O condomínio escolhido chama-se Vivendas Bela Vista. Pode-se dizer que o condomínio teve início no fim da década de 1980, apesar de não ter sido necessariamente idealizado para estar do modo que hoje se encontra. Os processos de transferências de imóveis, bem como a dinâmica da vida no condomínio foram os principais focos da pesquisa. Essa pesquisa foi iniciada na forma de Programa de Iniciação Científica, um dos programas existentes na Universidade de Brasília para estimular a inserção dos alunos na vida acadêmica.

O condomínio Vivendas Bela Vista possui hoje em torno de 3000 moradores e 727 casas e um fluxo de empregadas(os) domésticas(os) girando em torno de 1500. Dentro da administração do condomínio há sessenta e cinco funcionários divididos entre os cuidados dos jardins, o minhocário, a segurança e o trabalho burocrático na sede do condomínio.

A escolha de um tema que abrange a questão da expansão urbana no Distrito Federal teve como forte influência a minha própria história de vida. Sempre visitei Brasília em minha infância e a cidade sempre me gerou grande fascínio, em parte por suas formas planejadas e em parte pelo que na época eu entendia como total falta de organização das Cidades Satélites. Para mim esse contraste era claro, mas nunca havia entendido o porquê de tal situação. Dentre as diversas visitas que fiz à cidade fui apresentada a uma área nova, onde parecia haver uma grande desorganização combinada a uma organização metódica em certas áreas. Nessa época comecei a visitar a região de Sobradinho e seus condomínios e a notar a diferença entre o que havia dentro dos muros e o que havia fora deles.

O condomínio Vivendas Bela Vista acabou me chamando a atenção dentro desse contexto. Situado no último espaço do Grande Colorado, ele parece uma ilha de tranquilidade, com suas cancelas e suas belas paisagens.



Portaria do Condomínio Vivendas Bela Vista – Acervo pessoal

Mas, apesar desse primeiro olhar inexperiente, sabia que devia haver mais a se saber sobre a própria expansão urbana da cidade e sobre os rumos tomados pela administração pública e pelos sujeitos que viviam em tais lugares. Com o suporte de minha orientadora, Cristina Patriota de Moura, comecei a estudar mais sobre a cidade de Brasília e suas particularidades.

É necessária uma análise histórica do quadro urbano brasiliense para que possamos compreender melhor as idiossincrasias da ocupação urbana irregular. Desde sua construção a cidade cresceu pautada em dois tipos distintos de ocupação: a regular, feita pelos servidores públicos (dentre outros) que vieram morar na cidade em prédios de apartamentos planejados; e a irregular, feita pelos migrantes que vieram construir a cidade e acabaram ocupando áreas circunvizinhas às áreas planejadas.

“Brasília assim, trouxe consigo a dupla característica de ter sido criada por decisão governamental e de ter tido o Estado

como indutor da sua urbanização e destinação do uso do solo, estabelecendo o discurso da (i)legalidade e construindo a representação de um tempo marcado no espaço, um espaço que tem nos seus planos diretores a cautela da definição preservacionista do espaço original ou, no mínimo, do planejamento original, sob a forma de um planejamento piloto socialmente definido na previsibilidade dos seus primeiros agenciadores (...)" (Barros, 1996: 38)

Outro ponto que considero importante abordar é a possibilidade de comparação da realidade dos condomínios horizontais em outras localidades em contraste com a realidade brasiliense. Aqui me apoio principalmente na pesquisa de Patriota de Moura (2003) que teve foco em áreas residenciais muradas no município de Goiânia. Em seu trabalho, a autora mostra que os condomínios goianienses são pensados como empreendimentos, e que houve um grande esforço para que antes de sua construção houvesse a regularização do local:

"A lei municipal 7.042, de dezembro de 1991, complementa a lei federal 6.766/79, que regulamenta o parcelamento do solo. É, portanto, uma lei que diz respeito a loteamentos, incluindo a regulamentação de vias públicas, áreas destinadas a serviços públicos e áreas verdes. O surgimento dessa lei está intimamente ligado à pressão dos incorporadores imobiliários de Goiânia, que chegaram inclusive a custear viagens de agentes do IPLAM a condomínios de outros estados para que esses pudessem elaborar a regulamentação de seus futuros empreendimentos. Uma vez aprovado o fechamento perimetral das grandes áreas onde seriam implantados novos loteamentos, o caminho estava aberto para a implantação do que hoje se conhece como condomínio horizontal." (Patriota de Moura, 2003: 70-1)

Como muitos condomínios espalhados pelo país, o Vivendas Bela Vista possui muro perimetral e um bom sistema de segurança, mas em contrapartida podemos dizer que sua criação não foi tão próxima da realidade de outros condomínios brasileiros. Um tipo de processo urbano muito específico aconteceu nessa área e em áreas de condomínios horizontais em Brasília. Os moradores contam que não chegaram a um local com uma infra-estrutura já montada, eles tiveram que construir suas casas e melhorar as ruas do local em que vivem “com o suor de seu rosto”¹. No caso do Bela Vista em Brasília, o condomínio acabou se tornando, após 20 anos, um condomínio de classe média e media alta.

O condomínio horizontal se mostra como uma opção de moradia, uma opção que não foi prevista, mas que se mostra eficiente em ir de encontro aos anseios de uma população de classe média que não se sentia contemplada com o projeto da Superquadra de Lúcio Costa. As pessoas que buscaram esse novo tipo de moradia o fizeram por achar que seu estilo de vida não era compatível com a vida em um apartamento, por falta de uma opção mais barata no Plano Piloto e por vontade de estar mais perto da natureza, dentre outros motivos. Há a concepção bem aceita de que o Estado é conivente com a prática da ocupação ilegal de terras e em grande parte foi responsável por ela por não ter criado uma política de assentamentos para a classe média (Pinto, 2009).

O problema se dá, na verdade, não só pela busca de um novo estilo de vida e de formas de morar compatíveis com ele, mas sim pela questão da irregularidade/ilegalidade desses condomínios horizontais. Apesar da prática ser recorrente no Distrito Federal, como já foi apontado, é preciso ter em mente que os sujeitos de tais práticas acabam ficando numa corda bamba: entre cair no rótulo de “contraventores” ou serem “cidadãos de bem” que apenas querem ter um local para morar. A maioria deles busca a segunda opção demonstrando sua indignação contra um Estado que não lhes permitiu obter suas moradias de

¹ Esse é um dos pontos de grande polemica entre os proprietários de casas em condomínios e o Governo do Distrito Federal. Hoje, muitos moradores pagam IPTU, mas dizem que tal cobrança não é justa, pois foram eles, através de iniciativa própria e com o dinheiro recolhido com taxas condominiais, que construíram toda a estrutura urbana dos locais onde moram, sem ajuda do governo.

forma regular, mas foi uma verdadeira “mãe para os pobres” doando lotes em novas cidades satélites.

Para mudar a situação vigente, o Estado demonstra interesse em regularizar a situação da área. Uma série de medidas foram adotadas desde a década de 1990 para transformar a situação dos ocupantes irregulares de terras. A criação de secretarias e órgãos governamentais para tentar resolver o problema é uma das ações emblemáticas do Estado.

Tendo em vista todo este panorama, busco compreender quais são as motivações dos indivíduos para viver em um condomínio horizontal e o que envolve a decisão de ser proprietário de uma casa em tais localidades. Levar em conta o poder simbólico pode nos mostrar facetas interessantes da ocupação urbana destes “novos” locais:

“Por este viés, o poder simbólico que envolve a estruturação do espaço urbano é força fundante da representação da morfologia do espaço de Brasília. O surgimento de setores de classe média tais como as áreas centrais das satélites mais valorizadas, as quadras típicas de funcionários públicos setorizadas do Plano Piloto, o Setor Sudoeste e, mais recentemente, a explosão dos “condomínios irregulares”, dão conta do poder simbólico legitimante destas estruturas espaciais. Cada um, ao seu modo, tenta reproduzir um espaço eficaz, um espaço cuja representação venha ressaltar um distanciamento social claro, uma noção privativa e segregada e, principalmente, uma possibilidade de realização de um modelo de vida individualizante.” (Barros, 1996:63)

A tentativa aqui é apresentar de forma breve essas motivações que são relevantes para a existência de um condomínio horizontal, uma das novas formas de expansão urbana no Distrito Federal. Para isso busquei dividir o trabalho em três partes. No primeiro capítulo apresentarei minhas incursões em campo na forma de episódios que chamei de cenas. No segundo capítulo passo a analisar as histórias de vida de meus três principais colaboradores. Estas histórias clarificam as motivações desses moradores de condomínio

quanto a suas escolhas. Por fim, no terceiro capítulo faço um apanhado histórico problematizando a questão da moradia no Distrito Federal, com foco na expansão urbana.

1. Etnografando encontros

A etnografia é por excelência a linguagem da antropologia. Desde seu início o trabalho antropológico é, em uma primeira instância, descritivo. Procurar saber quais são os hábitos, os meios de vida, de povos distantes era e ainda é, em alguns casos, a fagulha que leva ao trabalho antropológico. Pensando nisso, a descrição de encontros que tive com meus interlocutores se torna uma boa ferramenta para buscar entender qual é o seu status atual e situá-los em um mundo novo, “o mundo dos condomínios horizontais” (Patriota de Moura, 2003).

Esse “mundo” também é permeado por outros mundos, o que nos leva à noção de que um sujeito participa de várias redes interligadas fazendo dele um dos nós dessas grandes teias que formam a vida moderna. A tentativa aqui é descrever como me inseri em algumas dessas redes e como busquei informações sobre o objeto de pesquisa escolhido.

Narro estes encontros como cenas onde eu e meus interlocutores somos personagens. É impossível negar que a minha visão da cena é parcial e se a descrição fosse feita por um de meus colaboradores poderíamos enxergar pontos diferentes. Para mim a realidade de um condomínio horizontal foi montada através dessas cenas que, mesmo sendo uma parcialidade, construíram uma totalidade mental para mim. Crapanzano não ignora essa possibilidade. Segundo ele:

“Falamos com excessiva facilidade de construção social da realidade quando deveríamos talvez falar da construção social de cenas de realidade e – o que é ainda mais importante – da construção social do modo como cenas e realidades são relacionadas ou não umas às outras; do modo como elas se hierarquizam – se hierarquia for mesmo a figura apropriada.” (Crapanzano, 2005:373)

As cenas descrevem a minha interação com meus interlocutores, o reconhecimento de meu objeto e do objeto de pesquisa de colegas que participaram comigo do Programa de Iniciação Científica da Universidade de

Brasília Edital 2009/2010, bem como um episódio emblemático com a participação de figuras atuantes do Governo do Distrito Federal.

1.1. Cena1- A primeira incursão: saída de campo

Meus primeiros contatos com o condomínio vivendas Bela Vista se deram por meio da família. Há muito tempo havia ido à casa de uma das amigas de minha tia, que consideramos como prima devido à amizade de longa data. Esta casa fica no condomínio Bela Vista. Não me recordo muito bem dessa visita, mas este já era um dos meus marcos quando meu interesse de estudo surgiu.

Anos depois, já como aluna da Universidade de Brasília, a professora Cristina Patriota de Moura, em sua disciplina de Antropologia Urbana, propôs que fizéssemos uma saída de campo para auxiliar no entendimento dos textos estudados em sala de aula. A visita foi marcada e, em um dos nossos horários de aula, ao invés de passarmos duas horas discutindo um texto do programa iríamos de encontro a uma realidade diferente da que vivíamos (pelo menos eu naquela época).

No horário combinado eu e meus colegas nos encontramos com a professora no conhecido ceubinho. Lá um ônibus nos esperava para nos levar até a região do Grande Colorado, próxima a Sobradinho. A “viagem” para o local durou cerca de 20 minutos que passei entre pequenas conversas com duas colegas e atenção às palavras da professora Cristina, que nos contava dados sobre a região. Também aproveitei esse período para observar a paisagem que já conhecia muito bem, pois ia sempre ao local passar meus fins de semana, na casa de uma de minhas tias. Essa paisagem tão conhecida se transformava e ainda se transforma de diversas maneiras durante o trajeto. Ao sairmos da Universidade de Brasília demos de cara com uma cidade planejada. As vias são retas, sem lombadas, com semáforos estrategicamente posicionados. Os prédios chegam a ser harmônicos entre si, dando a entender que seus construtores combinaram entre si as cores que deveriam existir em cada quadra. O posicionamento dos prédios e os jardins com gramados bem cuidados nos dão a impressão de calma.

Mas logo esse mundo vai ficando para trás e a partir da saída norte do Plano Piloto, passando pela Ponte do Bragueto, começamos a ver carros e a agitação de uma rodovia. Do lado direito vemos a entrada para o Lago Norte e o próprio Lago Paranoá, povoado de belas mansões em suas margens, do lado esquerdo o final da Asa Norte e o início do que será o setor Noroeste, grandes hipermercados e a sede a Embrapa povoam nossos olhos. Seguimos nessa via em direção à cidade de Sobradinho e no caminho vemos uma das residências oficiais da presidência da república, a chamada Granja do Torto. Nesse local também há um parque de exposições que é palco de grandes shows.

Seguindo o caminho, chegamos à subida do Colorado. À direita vemos o setor Taquari, que antes era o chamado Condomínio Hollywood, mas sofreu intervenção governamental e se tornou uma área regular e não mais condominial. Quando estamos chegando quase ao fim da subida chegamos a um centro comercial chamado Flamingo e logo depois ao posto Colorado.² É nesse momento que fazemos um retorno e entramos na chamada DF-150. A via está em obras há dois anos e nessa primeira visita a obra se encontrava em estado inicial, havendo muita poeira no local. Quando chegamos a essa pista e olhamos para o lado direito vemos as primeiras casas de condomínios, várias delas fazem divisa com áreas de proteção ambiental, o que nos dá a impressão de ver um mar de casas chegando a uma praia de cerrados.

No primeiro retorno subimos, e entramos em uma avenida com grande afluência comercial. Vemos de tudo: salões, academias, mercados, portarias dos condomínios, prédios comerciais... Todos eles construídos nas áreas comerciais dos condomínios que ficam atrás desses paredões de construções. Subindo mais nessa avenida os prédios comerciais vão rareando e começamos a reconhecer apenas as entradas dos condomínios e seus muros perimetrais. O Vivendas Bela Vista é o último condomínio dessa avenida, e quando chegamos lá, já estamos cercados pelo cerrado pelo lado direito da via.

No dia dessa saída de campo não fomos diretamente ao condomínio Bela Vista, mas paramos em um condomínio anterior, o Lago Azul. Passamos por uma portaria com cancelas e um guarda e fomos em direção a administração do condomínio para encontrar Júnia Bittencort, a presidente da

² Hoje, antes do centro comercial foram construídas várias concessionárias de carros na área comercial do setor Taquari.

UNICA-DF (União dos condomínios horizontais e associações de moradores no Distrito Federal). O prédio da administração é pequeno e se parece muito com o tipo de construção que seria apenas um barracão, mas foi repartido e melhorado em acabamentos para abrigar a administração do Condomínio Lago Azul. Júnia nos recebeu muito bem, e cumprimentou Cristina de maneira atenciosa. A professora Cristina explicou que já a conhecia e já havia entrevistado e tido contado com Júnia. Júnia além de ser a líder da UNICA-DF é síndica do condomínio Lago Azul e conhece muito bem a região do Grande Colorado, ela seria nossa guia na saída de campo.

Júnia começou por seu próprio condomínio, percorremos ruas enquanto ela explicava a dinâmica da vida dos moradores no local e as funções da UNICA-DF. A associação serve para defender os direitos dos moradores de condomínio do Distrito Federal e promover ações para levar a regularização dos condomínios horizontais.

Passamos então pela portaria do Lago Azul e saímos na pista em direção à portaria do condomínio Bela Vista. Júnia conversa com os vigias na portaria e podemos entrar no condomínio. A passagem foi muito fácil, os vigias demonstraram já conhecer Júnia e ter confiança nela. Ao entrar no condomínio notamos que ele é formado por uma avenida central. Dessa avenida são irradiadas as ruas que possuem maior número de moradias. No meio da avenida existem canteiros com pingos de ouro e palmeiras. Nessa avenida existem três rotatórias em que foram feitas áreas de lazer com parquinhos e quando chegamos ao final dessa avenida encontramos a área de lazer do condomínio, com quadras e um gramado, atrás dessa área há um minhocário e uma pequena usina de reciclagem de lixo.

Ao entrarmos no condomínio Júnia começou a explicar que aquele era um condomínio de classe média e classe média alta. Para ela as pessoas que moravam ali seriam parte de uma demanda de moradias para esse nicho, não atendida pelo Estado. Júnia mostrou o condomínio Vivendas Bela Vista com um modelo do que seria um condomínio horizontal montado e administrado da maneira correta. O Bela Vista parece uma vitrine que mostra o melhor que um condomínio horizontal pode oferecer.

Passamos por diversas casas, várias pareciam ter saído de revistas de arquitetura e decoração. As últimas tendências no campo das construções

eram utilizadas na construção daquelas belas mansões. Algumas tinham até muros feitos de blidex, o que deixava as casas mais assemelhadas com vitrines. Chegamos ao minhocário, alguns trabalhadores estão no local e nos explicam a dinâmica de funcionamento. Segundo eles os moradores separam seu lixo entre seco e orgânico e esperam a coleta. Depois da coleta, os dejetos são separados. O lixo seco é levado para reciclagem, o lixo orgânico é processado no minhocário e se torna adubo, sendo depois utilizado nos canteiros do condomínio e distribuído para os condôminos. Todo esse processo nos foi apresentado com muito entusiasmo por Júnia, que considera essa iniciativa do condomínio muito importante. A mim pareceu uma maneira de mostrar que o condomínio não só degrada a natureza, mas também a resgata.

Continuamos com nossa visita. Junia decide nos levar para ver o que ela chama de condomínios de baixa renda da região. Saímos do condomínio Bela Vista e voltamos a avenida que dá acesso ao Grande Colorado. Descemos pelo caminho e chegamos novamente a DF-150. Dalí, seguimos em direção a Fercal. A pista em obras evidenciava um grande contraste, belas casas envoltas em poeira. Mais à frente descemos em uma rua a direita, que já era minha velha conhecida, pois minha tia morava em um condomínio do local. Júnia começa a explicar que a partir dali começavam os condomínios de baixa renda, mas que mesmo assim a região não era composta somente disso, a prova era uma portaria recém reformada de um dos condomínios e que Junia,ironicamente, dizia ser uma das mais bonitas da região. Pude observar que em frente a essa portaria havia casas de padrão bem mais baixo e dentro do condomínio casas com padrões mais elevados, tornando a região um complexo quebra-cabeça. Retornamos pelo mesmo caminho e deixamos Júnia no condomínio Lago Azul. Nesse momento ela nos pediu para tirar uma foto com a turma para o jornal da ÚNICA-DF fizemos uma pose, tiramos a foto e seguimos de volta ao Plano Piloto.

No caminho de volta conversamos sobre a saída de campo e sobre o que é viver em um condomínio e uma questão me intrigou: não entendia como as pessoas podiam investir grandes parcelas de capital em um terreno que não era regularizado, que eles não tinham a certeza que seria deles. Interessei-me

muito pelo assunto e me ofereci para ajudar na transcrição do que havia sido gravado naquele dia.

A partir daí comecei a ter uma relação mais próxima com a professora Cristina Patriota de Moura e acabei me inscrevendo para participar de um Projeto de Iniciação Científica na área.

1.2. Cena 2 - Seu Chiquinho: memória e vida

Assim eu tinha trabalho a fazer e tentei acessar o condomínio Bela Vista da maneira que achei mais fácil – pela minha rede familiar. Conversei com meus parentes e descobri que o “quebra-galho” que trabalhava na casa de minha tia tinha estreitas ligações com o Condomínio Bela Vista e morava ao lado do mesmo. Comecei a conversar com Seu Chiquinho sobre essa sua ligação com o condomínio. Era muito difícil entrevistá-lo, pois sentar para conversar com Seu Chiquinho era praticamente uma aventura. Ele falava muito rápido e a conexão que ele fazia entre os assuntos às vezes não fazia sentido para mim. Talvez por isso nossas conversas fossem tão divertidas.

Seu Chiquinho me contou sobre sua vida e sua chegada à região que hoje é o Grande Colorado. Ele me contou que chegou à região que hoje é chamada de Grande Colorado em 1982, contratado por Seu Bolívar, dono do local,³ para ser vaqueiro na fazenda Paranozinho.

Segundo ele, Bolívar encontrou o local com quatro posseiros. Bolívar acaba comprando as terras. Seu Chiquinho descreve os posseiros como pequenos, talvez pela quantidade de terra que tinham, talvez pelo poder aquisitivo, ou por essas duas questões associadas.

Seu Chiquinho também conta as tentativas de cultivo que ocorreram no local. Segundo ele a primeira cultura escolhida foi o arroz, mas não houve muito sucesso. Isso os levou a mudar de estratégia, plantando soja e criando gado no regime de confinamento. O entrevistado continua seu relato temporal e me conta que oito anos após sua mudança os Irmãos Passos compram a

³ A versão de Seu Chiquinho me foi contradita por Henrique, atual síndico do condomínio. Segundo ele Bolívar também não era dono das terras, somente o arrendatário da fazenda que segundo laudos técnicos se chama São João da Contagem e pertence à União. Podemos perceber que existem várias versões da história, cada uma utilizada para legitimar um tipo de uso da terra.

propriedade. O local então é dividido e loteado e Bolivar fica com 70 lotes, que segundo Seu Chiquinho foram todos doados. Seu Chiquinho ganha dois lotes, ele acaba o vendendo por não conseguir pagar a taxas estabelecidas pelo condomínio.

Seu Chiquinho demonstrava grande respeito por todos os síndicos do Bela Vista. Depois que a transição de fazenda para condomínio tinha se iniciado ele começou a trabalhar nos jardins do condomínio e recebia ordens diretas deles, por isso os via como patrões. Seu Chiquinho acabou trabalhando com seis síndicos do local. Com a divisão da fazenda ele também ficou com uma área externa ao muro perimetral do condomínio, mas que é colada a ele, assim Seu Chiquinho morava em um limbo, uma área que era e não era condomínio. A entrada de sua casa se dava por uma estrada de terra que fica ao lado da administração, nos mapas a área conta como sendo externa, mas ela já foi parte do condomínio.

Ele andava de bicicleta por toda a região compreendida por minha visita com a turma de Antropologia Urbana. Esse hábito foi adquirido na época em que a região não tinha tamanho movimento como o de hoje e apenas poucos carros trafegavam no local. No dia 23 de julho de 2009, Seu Chiquinho decidiu sair da casa para dar um de seus tão comuns passeios. Nesse dia a sorte não estava do seu lado. A DF 150 estava e ainda está em obras. Seu Chiquinho foi atingido por um caminhão em uma das curvas da estrada, o impacto foi muito forte e ele faleceu na hora. Não esperava me deparar com tal situação nem em minha vida, nem em meu trabalho de campo. Naquele dia eu perdi mais que um interlocutor, eu e minha família perdemos um amigo. Passei um tempo perdida, sem saber como lidar com a situação de ter perdido meu interlocutor e sem saber como continuar a pesquisa. Acabei me decidindo por buscar outras pessoas, como o atual síndico do condomínio Bela Vista, Ivo⁴. Antes disso também havia buscado contato com Sofia⁵, minha prima que cito no início desse relato, e tentei entender melhor qual era sua perspectiva da vida em um condomínio.

⁴ O nome do colaborador foi alterado.

⁵ O nome foi alterado a pedido da entrevistada.

1.3. Cena 3 – Sofia e os laços familiares

Desde o início Sofia deixou claro que não queria que seu nome fosse citado em meu trabalho. No início fiquei intrigada, mas depois descobri de seu trabalho em uma das secretarias do GDF que fiscaliza justamente construções irregulares. Supus que Sofia desconfiava que uma entrevista sobre condomínios pudesse prejudicá-la. Cheguei a casa dela à noite, todos da família estavam no local e até mesmo alguns parentes lá estavam de visita, vindos dos EUA. Falei com todos, como de costume, e começamos a conversar sobre coisas triviais. Sofia nos levou para ver uma nova área construída em sua casa. Ela nos contou que dias atrás, quando ela chegava da igreja, viu marcas de pés no piso dessa nova área. Minha tia que estava presente comigo no local levantou a hipótese de que alguém que trabalha no condomínio poderia ter entrado na casa. Sofia concordou e ainda nos disse que planejava fechar a área o mais rápido possível com um vidro de blindex e talvez fazer o mesmo com a casa fazendo um muro do mesmo material.

Continuamos a conversa e Sofia me conta que houve um roubo em um dos módulos abaixo do que mora. Ela diz desconfiar que alguém do condomínio possa ter contribuído com a ação, pois ela confia no sistema de segurança. Apesar disso, ela ressalta que por causa dessas ocorrências o condomínio não é tão seguro assim.

Perguntei a ela sobre a questão do isolamento, da separação e segregação que o condomínio pode gerar. Sofia diz que conversou há pouco tempo com uma amiga e que esta argumentava que o condomínio parecia gerar separação e segregação. Sofia disse que para ela o condomínio não serviria para isso. Ela diz que em todos os lugares há violência e existem pessoas que se prendem em suas casas devido a essa violência. O condomínio é visto como mais uma maneira de se preservar de tal realidade e não teria o intuito de separar as pessoas.

Por sua posição como agente do governo, Sofia sempre o citou como um dos responsáveis pela situação atual dos condomínios. Para ela o Estado não tem interesse na regularização das áreas condominiais. O pagamento dos impostos já é feito com ou sem regularização, sendo assim esse processo não traria nenhuma vantagem ao Estado.

Depois disso, nossa conversa começou a girar sobre assuntos familiares. Sofia me contou que várias pessoas do condomínio caminham no local durante a noite e pude constatar isso, pois cheguei lá às 20:00 horas e vi pessoas fazendo caminhadas pelas ruas. Outro ponto abordado foi a compra da casa. Sofia me disse que achou o local por um anúncio e que no início confundiu o condomínio Solar de Atenas com o condomínio Vivendas Bela Vista. Desfeita a confusão ela gostou muito do local e adquiriu o lote de um senhor que vendia dois lotes contíguos. A transação foi feita sem o intermédio de uma imobiliária.

Depois de tudo conversamos mais sobre nossas famílias e decidi ir embora, deixando para um novo momento mais perguntas.

1.4. Cena 4 - Visitas

Narro agora algumas das minhas visitas ao condomínio Bela Vista. Em algumas fui para fazer entrevistas, em outras apenas para ver o local e marcar novos encontros com colaboradores. A seguir narro uma de minhas primeiras vistas a administração do Bela Vista.

Minha visita foi rápida, durou cerca de meia hora. Conheci Ana⁶, a gerente administrativa do condomínio. Muito agitada, ela falava ao telefone a todo momento e tentava resolver problemas no condomínio. Quando cheguei fui recebida na recepção do prédio da administração do condomínio, dei meus dados e disse que já havia conversado com Ana por telefone. Havia duas pessoas, uma moça e um rapaz também esperando por ser atendidos. Fui muito bem atendida. Ana chegou e disse que não seria ela a me dar a entrevista e sim Carlos⁷, à época secretário da administração do condomínio. Ela chamou o homem, os dois conversaram do lado de fora da administração (ao que me parece sobre assuntos do condomínio).

Carlos me atendeu em sua mesa, que fica a esquerda em uma parte superior na qual se chega através de uma pequena escada. Nos apresentamos e me sentei em uma cadeira em frente a ele. Carlos me perguntou o que eu gostaria de saber. Eu lhe disse que queria dados sobre a fundação do

⁶ O nome da colaboradora foi alterado.

⁷ O nome do colaborador foi alterado.

condomínio, seu início. Ele me disse que não sabia muito sobre isso e que neste caso teria que falar com Paulo⁸, o síndico naquela época. Mesmo assim acabei fazendo algumas perguntas que gravei. Terminei a entrevista e fui procurar Ana na tentativa de conseguir um horário para entrevistar Paulo. Ana tentou entrar em contato com ele por telefone, mas não conseguiu. Logo depois uma situação muito engraçada aconteceu, Ana viu um dos condôminos chegando e decidiu que a melhor forma de escapar dele era fugindo por uma das janelas do prédio da administração. Ao que parece o homem vai freqüentemente à administração do condomínio e gosta de falar somente com Ana. Fica combinado que mandarei um e-mail para marcar um novo horário para entrevista com Paulo.

Conversei com a secretária que trabalhava na recepção e perguntei se poderia ficar ali esperando o meu ônibus chegar. Converso amistosamente com os presentes que dizem que trabalhar no local não é difícil. Olho o mapa do condomínio que recebi de Ana e mostro à secretaria que existem alguns lotes bem isolados. Ela me diz: “Muitas pessoas saíram do plano (piloto) e vieram para cá porque gostam do isolamento.”

Enquanto esperava o ônibus Paulo apareceu, a secretária me disse que poderia conversar com ele. Apresentei-me a Paulo e tive uma breve conversa, explicando a pesquisa. Ele diz que poderá me ajudar e que eu devo entrar em contato para marcar uma entrevista na próxima semana. Noto que meu ônibus está chegando, me despeço e entro no veículo.

Narro agora uma segunda visita que fiz ao condomínio para tentar fazer mais uma entrevista ou pelo menos marcar um horário para ser atendida pelo síndico do Bela Vista. Saí à tarde de casa. Fui até o caixa eletrônico que fica no supermercado próximo a minha casa, mas ele não estava funcionando. De qualquer maneira teria que ir a um banco, pois tinha dinheiro apenas para ir ao condomínio. Tive então que pegar um ônibus até Sobradinho I e ir ao banco que fica na quadra central. Lá encontrei uma das minhas tias e acabamos indo fazer um lanche. Logo depois peguei um ônibus para o condomínio Bela Vista. Entrei no ônibus e rapidamente ele ficou cheio. O ônibus fez um caminho longo até chegar a área do Grande Colorado e durante esse caminho ele foi se

⁸ O nome do colaborador foi alterado.

esvaziando, até que eu fosse a última pessoa a descer do ônibus em frente ao condomínio Bela Vista.

Chegando ao local me dirigi diretamente à administração e falei com Joana⁹, a secretária que me atendeu todas as vezes que liguei no condomínio para marcar entrevistas com Henrique. Ela me recebeu muito bem e ligou para Henrique, que se tornou síndico, conseguindo finalmente marcar uma entrevista para mim no sábado. Saindo do prédio da administração parei em frente ao jardim e esperei o ônibus chegar. Eram quase cinco horas e várias mulheres que trabalham como empregadas domésticas saíam do condomínio e pararam próximas a mim. Todas reclamavam da qualidade do transporte público citando principalmente a situação precária dos ônibus e a freqüente ocorrência de greves. Perguntei a uma delas se ela caminhava dentro do condomínio até chegar a casa onde trabalha. Ela disse que sim, que andava até o Módulo C (um dos blocos mais próximos à portaria) e que tinha pena de quem tinha que caminhar até os módulos localizados no fim do condomínio, pois ela já ficava cansada de andar até ali. Ela me disse que já estava cansada e decidiu se sentar em um banco do ponto de ônibus que fica do outro lado rua.

Depois disso decidi me sentar o meio-fio e esperar meu ônibus chegar. O ônibus finalmente chegou, eu entrei e logo outras pessoas entraram comigo, quase todos os lugares foram preenchidos. Enquanto descíamos o Grande Colorado o ônibus ia ficando cheio. Quando chegamos ao final da descida ele já estava lotado. O ônibus fez seu percurso habitual e quando desci já havia menos gente.

1.5. Cena 5 – A política e a vida nos condomínios

Estava na casa de minha tia, tinha passado um fim de semana em família e havia decidido que na manhã de domingo iria ao condomínio Bela Vista para fazer uma visita ao campo de estudo. Conversei com meu tio e ele me disse que me levaria até o local. Saímos de casa de manhã, por volta das 9:00 horas e fizemos o breve caminho entre o condomínio de minha tia e o condomínio Bela Vista. Ao chegar no Bela Vista fui informada por um dos

⁹ O nome da colaboradora foi alterado.

funcionários do local que o síndico do condomínio estaria no condomínio vizinho, o Lago Azul, para um evento. Não tinha nenhuma informação sobre qual evento estaria sendo realizado, mas mesmo assim decidi que iria ao condomínio Lago Azul.

Por uma dessas coincidências que poderíamos até chamar de destino descobri que naquele dia seria assinado o termo de posse do condomínio Lago Azul, com a presença do governador da época, José Roberto Arruda. Quando cheguei ao condomínio me deparei com uma aglomeração na quadra de esportes de local, vários moradores do condomínio estavam presentes. Também estavam presentes síndicos e colaboradores da administração dos condomínios circunvizinhos.

Ao ver a aglomeração de pessoas e notar que esse seria um fato importante liguei para minha colega Hérica Chagas, que na época fazia parte do mesmo grupo de pesquisa. Herika mora próxima ao condomínio Lago Azul, mais especificamente no condomínio Solar de Atenas, aqui já citado.

Enquanto Herika chegava ao local comecei a observar o condomínio e a procurar Junia Bittencourt, a síndica do condomínio Lago Azul e a presidente da ÚNICA-DF. O condomínio é muito bonito, em sua entrada vemos gramados bem cuidados, do lado esquerdo existe um parquinho para as crianças e mais à frente uma quadra de esportes que estava decorada com faixas para o evento. Além das faixas a decoração incluía mesas e cadeiras e um palanque. Toda a decoração estava nas cores verde e azul, o verde simbolizando o Governo do Distrito Federal¹⁰ e o azul o Condomínio Lago Azul. Consegui encontrar Junia e lhe perguntei se poderia ficar no local e observar a cerimônia. Ela foi solícita, apesar de estar cercada de pessoas, e disse que eu poderia ficar em uma mesa no local. Dirigi-me para uma mesa ainda não ocupada no canto esquerdo da quadra e observei o movimento de pessoas. Várias famílias estavam no local, crianças brincavam nos arredores da quadra e no parquinho e uma grande churrasqueira havia sido instalada atrás da quadra, a sua frente havia um balcão onde mais tarde o churrasco seria servido. A cena parecia a

¹⁰ Mais sobre a correspondência e o significado das cores em eventos políticos, como comícios em: BORGES, Antonádia. 2004. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

de um grande churrasco em família, a não ser pelo palanque instalado no fundo da quadra.

Depois de alguns minutos Herika chegou, ela se instalou perto de mim, mas achou o local distante do palanque, então nos mudamos para um local mais próximo, ficando de pé, pois as mesas já haviam sido ocupadas. Logo depois disso o governador José Roberto Arruda e sua esposa chegaram ao local, eles foram recebidos com grande festa (que incluiu fogos de artifício). Junia fez um discurso ressaltando que tal conquista era fruto das lutas dos moradores do condomínio Lago Azul, que durante anos não esmoreceram e fizeram seu sonho valer. Logo depois ela passou a palavra ao governador. Arruda fez um discurso exaltando as melhorias feitas pelos moradores do local e dizendo que toda área é muito bonita. Fez um elogio especial ao condomínio Solar de Atenas e a como os moradores cuidavam bem de seus jardins. Arruda também falou sobre a questão da regularização dos condomínios no Distrito Federal e disse que com a assinatura do PDOT¹¹ todo esse processo seria facilitado visando à melhoria das condições de vida dos moradores do local.

Depois de seu discurso seguiu-se a solenidade de assinatura do termo. Vários deputados distritais da base aliada estavam presentes e o assinaram como testemunhas. Cada um deles era chamado pelo nome e tomava seu lugar no palanque, eles faziam agradecimentos e citavam as lutas deles e dos moradores para que tal momento acontecesse. Por fim, com os documentos já assinados, seguiu-se uma grande comemoração, onde Arruda e Junia partiram um bolo e brindaram com os presentes. Arruda deixou local com sua comitiva e foi servido um churrasco pra todos que estavam no local. Eu e Herika nos encaminhamos para a área das churrasqueiras e logo depois fomos para casa.

¹¹ Ver trabalho de Patriota de Moura, Cristina. “Condomínios” no DF: clubes, favelas ou cidades? In: Brasília 50 anos: da capital a metrópole. 2010, Brasília, Ed. UnB.

2. Histórias de Vida

Nesse capítulo buscarei abordar as histórias de vida de meus principais entrevistados. O acesso as memórias e as lembranças esta ligado também ao acesso a lugares específicos. Espaço e memória caminham juntos na constituição de relações sociais. Segundo Halbwachs (2006):

“Se vivemos sós, a região do espaço que nos circunda de modo permanente e suas diversas partes não refletem apenas o que nos distingue de todos os outros. Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos em grande medida se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um numero enorme de sociedades sensíveis e invisíveis.” (p. 158)

A escolha de um lugar como um condomínio horizontal para construir sua casa e estabelecer sua família pode revelar muito sobre quais são os valores pessoais dos sujeitos aqui apresentados. Estes valores pessoais estão em relativa consonância com os dos outros moradores do local, revelando um compartilhamento do que podemos chamar de “sonhos de classe média”. Esses sonhos e projetos são caracterizados por sínteses das historias de vida transmutadas em desejos de diferenciação frente aos membros de classes mais baixas. Apesar disso, os “sonhos de classe media” não são exclusivos dos pertencentes à classe media, mas permeiam o imaginário dos que almejam “melhorar de vida”.

A partir disso tento mostrar como esse “melhorar de vida” se deu na vida de meus principais interlocutores e como suas experiências sociais precedentes os fizeram ver de maneira diferente sua nova vida. O marco principal da mudança é a compra/recebimento de suas casas no Condomínio Bela Vista, assim a lógica da troca de bens – de maneira capitalista ou não – se infiltra na composição de um “eu” que se contrapõe aos “outros” não moradores de condomínio.

2.1. Sofia

As histórias de vida minha e de Sofia foram entrelaçadas por laços de amizade criados antes de meu nascimento. Minha avó conhecia a mãe de Sofia por anos. Esses laços foram criados, pois havia um compartilhamento de interesses religiosos entre as famílias.

Há muitos anos minha tia morou na casa da Irmã Júlia¹², a mãe de Sofia e teve um ótimo relacionamento com a família. Essa ligação permitiu o meu atual relacionamento com a família e minha primeira inserção no campo.

A família de Sofia é de origem humilde. Vindos do nordeste a época da construção da cidade de Brasília, seus pais tem uma história de luta pela casa própria. Apesar disso a sorte não esteve longe dessas pessoas, a casa onde moraram por anos em Sobradinho foi adquirida com o dinheiro de um prêmio da loteria. Os pais de Sofia são analfabetos e trabalharam muito para manter sua casa. Depois de anos morando em Brasília surgiu a oportunidade de se mudarem para Boston, nos EUA, e essa experiência mudou a visão de mundo dessa família.

Com a mudança para os Estados Unidos os valores da família foram alterados, e a expectativa de mudança social aumentou. Também contribuiu para isso o aumento dos anos de estudos dos filhos frutos do casamento de Irmã Júlia e Seu Joaquim. Seus filhos estudaram e se formaram, conseguindo bons trabalhos, principalmente no serviço público. Essa é uma característica recorrente em famílias que passam por processos de ascensão social. Todas essas mudanças atingiram também a vida social dessa família e a maneira como os membros dela se enxergavam mudando um *habitus* estabelecido.

“As condições diferenciais do acesso ao estudo são inseparáveis de disposições entranhadas ou incorporadas, associadas às idéias de autocontrole, contenção e civilização. As “boas maneiras” e o “bom jeito” acompanham necessariamente as “boas leituras”. O desempenho escolar adequado pressupõe e/ou impõe um jogo de corpo/mente muito peculiar, envolvendo as habilidades de domínio gestual e cinestésico, concentração mental, abstração conceitual e

¹² Os nomes foram alterados a pedido da colaboradora.

capacidade expressiva. Essas habilidades correspondem a um *habitus* culturalmente característico das classes medias e das elites, que buscam imprimi-lo a seus infantes desde o nascimento.” (Duarte e Gomes, 2008: 200)

A ascensão social da família através dos estudos trouxe novas possibilidades aos filhos e netos do casal. Sofia aproveitou essa oportunidade e hoje é funcionária pública concursada. Ela é casada e seu marido também provém de uma origem humilde, muito ligada ao meio rural. A combinação dessas duas origens próximas resultou em projetos de vida que culminam em expressão simbólica na sua casa. Barros nos fala sobre a localidade e sua expressão simbólica, em seu caso ela está falando sobre um condomínio, mas sua análise pode ser aplicada à casa de Sofia:

“Mas de que lugar estamos falando? O lugar onde o seu projeto de vida pode ser realizado; o lugar onde predominam as analogias entre o espaço e as muitas possibilidades de concretização de modelos de realização, o lugar onde as tendências dominantes dentro dos universos particulares da classe media, possam se realizar, ou seja, a preocupação em marcar fronteiras e clivar distinções sociais, o controle da divisão do espaço com os pares, e a busca de símbolos de status e prestígio.” (Barros, 1996, 49-50)

A imagem da casa de Sofia mistura os conceitos das casas de subúrbio dos EUA, com a necessidade de jardins e quintais das casas da zona rural, o requinte de um sobrado com belas escadas é misturado a simplicidade de gramados e um pequeno galinheiro para os frangos criados pelo marido de Sofia. A casa de Sofia, assim, parece em si mesmo carregar a noção utilizada por Patriota de Moura (2010) de *assemblage* para analisar os condomínios horizontais no Distrito Federal.

“A dinâmica envolvendo a expansão dos condomínios horizontais no Distrito Federal coloca em foco uma série de questões a respeito dos processos de ocupação do solo nas

idades, com suas múltiplas dimensões simbólicas, físicas, morais, econômicas e jurídico-políticas. Se, por um lado, a proliferação de áreas residenciais muradas de baixa densidade nas franjas e interstícios urbanos de ocupação recente é um fenômeno de generalidade global, processos específicos apresentam importantes dimensões que estão muito além da mera atualização local de fenômenos globais. Nesse sentido, a noção de *assembleage*, aqui traduzida como composição ou composto, é interessante para pensar como diferentes escalas e dimensões se combinam nos processos de urbanização.” (Patriota de Moura, 2010:3)

Diferentes escalas e dimensões também foram utilizadas no projeto da casa de Sofia. A casa foi construída aos poucos, num processo muito semelhante ao de autoconstrução, só que utilizando mão-de-obra não familiar. Primeiro foi construída a parte central da casa, que na época era apenas um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheiro. Depois em volta desses cômodos foram sendo construídas mais dependências até se chegar a fase final, onde o segundo andar foi erguido. A última modificação da casa incluiu uma nova área de serviço e uma churrasqueira. Esse processo de modificação se deu em concomitância com as modificações da região do Grande Colorado.

As modificações na região se deram principalmente com a chegada de novos moradores. O relacionamento de Sofia e de sua família com esses novos moradores pode ser denominado, no mínimo, de distante. Apenas as crianças usam as áreas de lazer e mesmo assim apenas os mais novos. Os adolescentes apenas passam pelos espaços com seus pais de carro. As sobrinhas de Sofia que também moram no condomínio não saem de casa sem a companhia dos pais, que as transportam em suas atividades diárias em seus carros. A própria Sofia ajuda e se incumbem de buscar os sobrinhos e filhos nessas verdadeiras peregrinações para levar as crianças aos seus destinos.

O transporte até o condomínio Bela Vista é realmente um problema e um problema não muito diferente do transporte até outros condomínios brasileiros. A área do condomínio fica bem distanciada da DF-150, onde se localiza a parada de ônibus onde passam veículos para o Plano Piloto. O passageiro tem

duas opções, esperar um bom tempo até que um dos microônibus que faz a linha até o condomínio passe, ou caminhar até lá e ainda caminhar mais dentro do condomínio. Essa não é uma prática recorrente dos moradores, como já mostrei no capítulo 1, enquanto fazia minhas visitas ao condomínio raramente dividi o ônibus com moradores do local, ia sim, em companhia dos prestadores de serviços, como empregadas domésticas, jardineiros, dentre outros. Apesar de não ter explicitado nenhuma vez, Sofia demonstra em suas atitudes não aprovar o contato de seus filhos e parentes menores de idade com pessoas de outro nível social. Na tentativa de se separar de estigmas há um distanciamento e a aquisição e apropriação de um novo habitus. O perigo se torna o outro. Segundo Caldeira (2000):

“O homem aproximando-se do portão é um bom candidato a suspeito, já que anda a pé em vez de guiar um automóvel, ou seja, usa o espaço público da cidade de uma maneira que os moradores do condomínio rejeitam. Condomínios fechados, o novo tipo de moradia fortificada da elite, não são lugares para os quais as pessoas caminhem ou pelos quais passem. Eles são distantes, para serem aproximados só de automóvel e apenas por seus moradores, uns poucos visitantes e, é claro, os empregados(…)” (Caldeira,2000:257-8)

Esse “outro” que é perigoso pode ser materializado de várias formas. No caso de Sofia isso é feito através dos próprios empregados do condomínio. A desconfiança de que roubos e até uma pequena invasão a sua casa sem furtos foram arquitetados e executados por funcionários que trabalham no minhocário do condomínio foram exteriorizadas. É interessante pensar que justamente os funcionários que trabalham com a reciclagem do lixo sejam acusados. O seu trabalho pode ser visto como mais impuro em uma relação classificatória e isso poderia qualificá-los como possíveis meliantes. Douglas nos fala sobre como a noção de sujeira está intrinsecamente ligada aos sistemas classificatórios:

“Se pudermos abstrair patogenicidade e higiene de nossa noção de sujeira, estaremos diante da velha definição de sujeira como

um tópico inoportuno. Esta é uma abordagem muito sugestiva. Implica duas condições: um conjunto de relações ordenadas e uma contravenção desta ordem. Sujeira, então, não é nunca um acontecimento único, isolado. Onde há sujeira há sistema. Sujeira é um subproduto de uma ordenação e classificação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados. Esta idéia de sujeira leva-nos diretamente ao campo do simbolismo e promete uma ligação com sistemas mais obviamente simbólicos de pureza” (Douglas, 1976:50)

A ascensão social familiar, apesar do que possa parecer, é vista com orgulho e não com desprezo. Sofia e sua família não escondem suas origens, mas se apropriaram de um novo estilo de vida que convive com um passado de lutas. A casa aparece como um presente de Deus, mas um presente merecido devido aos esforços das partes envolvidas. Deus, em sua grande misericórdia recompensa seus filhos e lhe dá um lugar de honra na Terra e no Céu. Uma “ética protestante neopentecostal” entra em ação e explica que com o trabalho, mas não só com ele, com o amor e a fé em Deus, a família será salva e receberá na Terra e nos Céus a herança divina que lhe é devida.

2.2. Seu Chiquinho

Ao iniciar meu trabalho de campo no Condomínio Bela Vista, no Grande Colorado, jamais imaginei que travaria contato com pessoas tão diferentes. Sempre imaginei que em tal local havia apenas pessoas de um determinado nível social, e que seria muito difícil encontrar quem pudesse me contar a história do lugar de uma nova perspectiva. Grata surpresa tive quando conheci o baiano de Correntina, Francisco, mais conhecido na região como Seu Chiquinho. Morador do local desde o início da década de 1980, Seu Chiquinho testemunhou as tremendas transformações ocorridas na região.

Com seu humor, algumas vezes recatado, algumas vezes sarcástico, ele me contou como viu todas as mudanças em um local que foi seu lar durante muito tempo. Muitos no local conheciam Seu Chiquinho como o senhor que

morava ao lado do condomínio perto da estrada para cachoeira. Eu o conheci como o “quebra-galho” que ia à casa de minha tia, mas depois de entrevista-lo acabei descobrindo como uma fonte de conhecimento.

Apesar de ter feito apenas uma entrevista formal com Seu Chiquinho tivemos vários outros encontros breves e não planejados. Nessas conversas ele me contava como sua vida já havia sido difícil durante a época do trabalho na fazenda Paranozinho. A vida na roça era passado para ele, mas ainda estava em vários pontos de sua memória, como quando ele transitava próximo ao condomínio e se lembrava que algumas árvores que estão no local hoje foram plantadas por ele em outros tempos. Halbwachs (2006) em seu livro “A memória coletiva” nos fala mais sobre o espaço e sua relação com a memória. Segundo ele: “Quando inserido numa parte do espaço, um grupo o molda à sua imagem, mas ao mesmo tempo se dobra e se adapta a coisas materiais que a ela resistem.” (p.159) apesar da nova função do espaço em que Seu Chiquinho estava inserido ele ainda podia vislumbrar seus antigos usos tendo como marco alguns objetos/pontos.

O local, apesar de muito alterado por iniciativas de urbanização, ainda tinha pontos que o fazia se recordar de acontecimentos. Nesse caso é interessante notar como estes “pontos” fazem parte da natureza: árvores, pedras, terra, entre outros. Seu Chiquinho buscava através destes ganchos repassar o que lhe vinha à mente, histórias de outro tempo que em alguns poucos casos eram compartilhadas por pessoas como antigos moradores do local. A memória aqui era utilizada como uma espécie de laço que unia gerações de moradores do local.

Apesar do que foi descrito acima, não creio que Seu Chiquinho possa ser visto como um grande transmissor da história daquele lugar. Suas histórias só foram ouvidas por algumas pessoas e muitos dos moradores do condomínio e da proximidade jamais souberam quem ele era. Talvez por isso o termo *guardião da memória* não se aplique a esse caso e sim o termo *remanescente*. Criando essas duas categorias poderíamos definir a primeira como algo ou alguém que zela por uma memória existente e aceita por um grupo e que deve repassá-la. Seu Chiquinho aqui seria um remanescente, pois passava a memória, mas não tinha isso como obrigação social e nem era reconhecido por um grupo por isso. A memória de sua vivência não tinha um valor histórico para

esse grupo, que está mais preocupado com o que chamaria de memória de propriedade, algo que possa comprovar a posse desse local.

Outro ponto que surgia em nossas conversas é algo que até poderia ser chamado de “consciência de ser o outro”. Seu Chiquinho claramente se identificava com a classe trabalhadora do local, apesar de já ter possuído um lote neste condomínio. De certa maneira isso nos deixava em posições diferentes, pois eu sempre era vista como sobrinha dos patrões. Com isso acho que houve maior seletividade em seu relato. Assim creio que houve sempre certa dualidade entre “nós” (eu e minha família) e “ele”, que era quebrada em alguns momentos de descontração.

A transformação do espaço fez com que Seu Chiquinho também visse o mundo com olhos diferentes. Ele sempre dizia que apesar do trabalho na fazenda se sentia mais livre nessa época, sem muitas cobranças e sem uma circulação restrita.

É interessante notar também o valor que Seu Chiquinho dava a posse de documentos que comprovavam que sua permanência naquele local era legal. Sempre que questionado sobre isso afirmava que possuía todos os documentos validando a doação de lotes e de sua atual *chacrinha*. A validação de tal situação parecia lhe conferir algum status e uma satisfação por estar dentro da lei.

A necessidade de se manter dentro do status legal aparece entre as maiores preocupações dos moradores de condomínios horizontais em Brasília. A luta pela regularização é tema recorrente nas reuniões que eles organizam, nas conversas, nas entrevistas cedidas. O status de cumpridor da lei é visto como uma recompensa para pessoas que lutaram muito para ter suas casas próprias e obter maior qualidade de vida.

2.3. Henrique

A história de Henrique é emblemática. Durante a história de sua vida podemos acompanhar várias fases do desenvolvimento da própria cidade de Brasília. Henrique chegou a Brasília com sua família em meados da década de 1950. Seu pai veio para trabalhar na construção da cidade, como diversos trabalhadores da capital. E como alguns deles moraram na Vila Amauri.

Henrique conta sobre sua infância na vila. Ele cita as ruas de terra e os problemas com escoamento de água no local. As condições de vida do local são similares as condições de vida de outras periferias, invasões e favelas existentes no Brasil.

Henrique se lembra da transferência feita pelo governo para a cidade de Sobradinho. Podemos lembrar que várias vezes tal procedimento foi feito em Brasília. No caso da Vila Amauri o problema era mais emblemático, pois a Vila estava em localidade que seria inundada pela construção do Lago Paranoá. Segundo Ribeiro:

“No caso da Vila Amauri a intenção de expulsar os trabalhadores foi flagrante, já que irremediavelmente o avanço das águas do lago, com o fechamento da barragem do Paranoá em 12 de setembro de 1959, expulsaria os habitantes daquele local.” (Ribeiro, 2008:166)

A partir daí a questão da habitação se tornou novamente uma questão política e a associação de moradores/trabalhadores começou a se mobilizar e a lutar pela transferência do local que seria inundado (Ribeiro, 2008). A transferência foi feita de maneira precária, com a água da represa do lago Paranoá tomando as ruas. Em relato do próprio Henrique ele diz: “Tinha muita água nas ruas, muita sujeira”.

Após o episódio traumático da transferência de localidade de sua família Henrique me contou que morou em Sobradinho. Sua família foi uma das que foi transferida para tal localidade. Segundo seu relato no início da ocupação da cidade de Sobradinho as casas eram barracos (incluindo sua casa), montados da maneira até precária. Henrique morou na quadra 7, hoje uma quadra bem localizada e urbanizada, mas à época a situação era bem diferente. Segundo relato de Henrique “as ruas eram de terra e as casas eram pequenas”. Ainda não havia a estrutura urbana conhecida.

Sobradinho foi uma cidade concebida para ser um dos pólos rurais do Distrito Federal. A cidade faria parte de um cinturão verde que abasteceria Brasília com hortifrutigranjeiros. A localização escolhida para a cidade foi estratégica, próxima de grandes propriedades rurais. Sobradinho está

localizada em um dos terrenos mais altos do Distrito Federal, tendo assim sido apelidada por muitos como “Petrópolis Brasiliense” referencia clara ao clima de montanha das duas cidades. Esse clima ameno contribui para a melhor adaptação de diversas culturas vegetais no local. (Vasconcelos, 1988)

A família de Henrique se instalou nessa nova cidade onde já existia um plano inicial para a ocupação. Porém esse plano parece muito mais com uma propaganda do que com a realidade que Sobradinho enfrentaria nos próximos anos. Holston (1993) ressalta as diferenças entre habitações de uma mesma rua em Sobradinho. Foram utilizados dois tipos de loteamento: no primeiro o governo vende um terreno residencial e o comprador tem a obrigação contratual de construir uma casa de alvenaria no prazo estabelecido; no segundo são vendidos terrenos com casas populares já construídas. O resultado foi que vizinhos tinham estilos de moradia muito diferentes, mostrando claramente a desigualdade de renda entre eles. Esse tipo de disparidade ainda pode ser observado na cidade, mas em menor escala. Raras são as casas populares que resistiram, a maioria foi reformada e estilizada conforme o gosto do dono. Segundo Caldeira (2000) esse é um processo muito comum em moradias populares.

Com os anos a casa dos pais de Henrique sofreu modificações, o simples barraco hoje é uma casa de alvenaria, com todos os recursos de saneamento e o conforto de uma moradia de classe média. E não só a moradia foi alterada, mas também a cidade a sua volta. Sobradinho, que foi idealizada como um pólo para escoamento de produção de hortifrutigranjeiros, hoje é uma cidade terciária com o comércio concentrado principalmente nas quadras centrais e quadra 8. Esse comércio é bem diversificado, existem lojas de materiais de construção, roupas, cosméticos e etc. Toda essa variedade é necessária, pois a população da cidade de Sobradinho e das áreas circunvizinhas aumentou muito, principalmente com o advento dos condomínios horizontais nessas áreas.

Após alguns anos Henrique acabou fazendo uma faculdade de Processamento de Dados, que à época não era um curso muito popular, mas que lhe garantiu um bom emprego nos Correios. Ele se casou e teve seus filhos. Nessa época ele vivia em um pequeno apartamento em Sobradinho e em seu relato conta que se preocupava com a qualidade de vida dos filhos, que

não tinham espaço para brincar em um apartamento. Essa é uma explicação recorrente da motivação dos moradores de condomínios para sua mudança. Segundo Patriota de Moura (2003):

“Os filhos aparecem como justificativa para morar em um condomínio horizontal mesmo que eles ainda não existam. A idéia de uma “infância vertical”, em apartamento, aparece como algo que oprime a expressão plena da infância, que deve ser vivida “com muito verde e espaço para brincar”.” (p.157)

A família nuclear é muito valorizada e vista como a unidade padrão que deve ser respeitada e protegida. A moradia vista como ideal é a casa com quintal que permite a existência de uma infância ao ar livre, com o desenvolvimento esperado das faculdades físicas, cerebrais e afetivas. Apesar disso o uso das áreas verdes e dos próprios quintais das casas dos condomínios é muito restrito, gerando uma contradição. A busca pelo espaço e pelas áreas verdes muitas vezes não condiz com o uso delas. Pude observar isso em campo, nas visitas ao condomínio Bela Vista. Ao passar pelo local pude notar que pouquíssimas pessoas utilizam os espaços de lazer ou as ruas, que estão sempre vazias, a não ser pelos carros dos moradores. A própria família de Sofia utiliza os espaços raramente e toda a movimentação dos adultos e crianças é feita de carro.

“Apesar do marketing insistente das numerosas instalações para uso comum, em todos os edifícios e condomínios em que fiz pesquisas seu uso é muito baixo, com exceção dos playgrounds. Talvez isso reflita como os moradores se sentem pouco à vontade com a idéia de partilhar um espaço residencial (...). O pouco uso das áreas comuns poderia também indicar que a presença de todas essas instalações – algumas delas bastante luxuosas – é mais uma marca de status do que uma condição necessária para uma vida cotidiana mais gratificante.” (Caldeira, 2000: 268)

Apesar dessa evidencia, ao que me parece, o condomínio horizontal em Brasília difere em muitos pontos dos condomínios de São Paulo. O condomínio brasiliense, implementado nas décadas de 90 e 2000, é tipo diferente de empreendimento. Ele não se encaixa nos moldes vistos anteriormente, onde uma empresa vende o imóvel e assegura que toda a estrutura habitacional será implantada. Vejamos o relato de Henrique:

Nós somos, como dizem, nós somos compradores de boa fé. Quando nós chegamos aqui esse condomínio estava cercado com uma cerca de arame e tinha-se uma documentação, tinha-se escritura, tinha-se um registro né, que nós pertencíamos a Fazenda Paranoazinho. Então se tinha registro em cartório e tal. Então aquilo ali para nós era verídico, tava no cartório e tal, ninguém contestou: o GDF não contestou, a união não contestou, não houve nada contestado, então nós passamos a comprar. Ai foi parcelado o solo com permissão do governo federal, foi parcelado o solo por uma imobiliária chamada Nova Imobiliária. E essa Nova Imobiliária parcelou esses terrenos aqui e começou a vender para as pessoas que se interessavam. Nós compramos esses lotes e passamos um documento em cartório porque achamos que estava tudo legal. Quando foi em 2002 a União fez um estudo dessa área, fez um levantamento, uma topografia por satélite e chegou a conclusão que esta área pertencia a fazenda São João da Contagem que é de propriedade da União Federal, ai que eles nos comunicaram. Chegaram, olha essas terras que vocês compraram e estão constituídos, essas terras pertencem a União e não a particular. Até então nós achávamos que era terra de particular e não pertencia a União Federal. Ai como foi o processo? Nos comunicaram isso, ai nós fomos averiguar, chamamos as pessoas que nos venderam e tal ai constatou-se realmente que era verdade. Então é, a União chegou para nós e disse vocês vão ter que pagar de novo.

O relato de Henrique narra um tipo diferente de aquisição de imóvel onde o empreendedor aparece somente no início do processo de uma maneira obscura, apresentado documentos que muitas vezes são desconhecidos. Esse empreendedor logo desaparece da cena, deixando apenas a terra nua para ser trabalhada e transformada pelos moradores. Aqui Henrique começa de certo modo a repetir a história de seus pais, em busca de melhores condições de vida ele escolhe desbravar mais uma vez o cerrado. Os filhos, a

estabilidade familiar, a busca por mais espaço para as crianças o levam a enfrentar adversidades e repetir o épico mito do pioneiro brasileiro.

“O tempo dos pioneiros de alguma forma se cristalizou como mito fundador de uma cidade em constante expansão. O pioneiro como personagem dessa saga mítica media, costura, articula e amalgama, ao mesmo tempo que também separa e marca diferenças.” (Patriota de Moura, 2010, p.9)

Os primeiros anos no condomínio, os tempos de pioneiro, são narrados com saudade, apesar das adversidades enfrentadas. Não havia água, luz ou asfalto e a poeira e a lama imperavam. Nesse ponto há um encontro entre os relatos dos pioneiros da construção de Brasília e os relatos dos pioneiros do condomínio. Henrique nos fala sobre a estrada que dava acesso ao local:

Numa estrada que era só terra coberta com cascalho, no entanto não tinha transporte. Alguns que tinham carro e que levavam os outros e tal até a rodovia, mas era feito a pé. Quando chovia, a chuva carregava a estrada, a estrada desaparecia totalmente, não podia trafegar carro nenhum, então a gente andava muito a pé mesmo aqui na estrada. Num tinha luz, era bastante difícil. (Entrevista concedida dia 28/01/2010)

Apesar das dificuldades havia uma compensação dada pela natureza, a gratificação de viver entre o meio rural e o meio urbano aproveitando as vantagens dos dois.

Mas no principio, era só mato. Tinha muita cobra, muita aranha, muito sapo. Mas era bom, porque parecia uma área assim bastante rural. A gente achava muito bom ficar ali ouvindo o canto dos pássaros, os pássaros chegavam, as seriemas chegavam ate próximo a você, porque você morava num lugar bastante aberto né. Então tinha bastante animais ali, animais silvestres, a gente conseguia ate ver aqui. Hoje já não tem mais. (Entrevista concedida dia 28/01/2010)

Devemos lembrar que há uma diferenciação entre os pioneiros da construção de Brasília e os chamados pioneiros do condomínio. Suas motivações são diferentes. Por um lado, a motivação do pioneiro/candango era mais imediatista, havia uma busca por emprego e por dinheiro que ajudaria sua

família a se estabelecer, não necessariamente em Brasília. Nem sempre havia um impulso para se fixar no local. Por outro lado, o pioneiro também estava imbuído de uma missão civilizatória pautada por um “grande projeto” de desenvolvimento nacional. Depois da construção, muitos se viram na necessidade e/ou vontade de continuar em Brasília. Já o pioneiro do condomínio faz uma transição pensada principalmente em favor da sua família. A sua intenção é se estabelecer em local onde sua família e seus filhos possam usufruir de maior qualidade de vida, onde as crianças tenham espaço para brincar. Não obstante, ele também participa da construção da cidade em constante expansão.

No relato de Henrique, notamos que além dessa escolha pela qualidade de vida o preço do imóvel deve ser acessível.

Quando nós chegamos aqui, eu morava em Sobradinho, ali na quadra 4 de Sobradinho, morava num apartamento pequeno e eu precisava de espaço para criar os filhos. Os filhos eram pequenos, eles tinham cerca de 5 anos, 4 e 5 anos, então eu precisava de espaço para criar. Então eu procurei em Sobradinho não encontrei assim um espaço adequado. Quando eu cheguei aqui vi uma vista muito bonita de Sobradinho e tinha um terreno bem acessível, no padrão, estava bem acessível. Até que eu comprei ele parcelado, a gente comprava parcelado. Comprei por uma quantia de 27 mil cruzeiros na época. Ai depois agora esta bastante valorizado, o crescimento...

Novamente a busca por um *espaço adequado*, diferenciado dos outros é evidenciada. Toda historia de vida de Henrique, a luta de seus pais por moradia, suas dificuldades financeiras, sua formação superior e a constituição de sua família em uma família de classe média são representadas por sua casa. A casa novamente é símbolo da vitória contra as adversidades, é o resultado de uma luta que só acabará realmente com a regularização de seu imóvel.

3. Expansão Urbana no Distrito Federal: história, memória e projetos de vida

3.1. Um giro pelo Distrito Federal

No dia 06 de novembro de 2009, fizemos visitas em Vicente Pires, nos condomínios Mini Granjas do Torto, Solar de Atenas e Bela Vista. A professora Cristina pediu que observássemos o caminho, o espaço e tentássemos fazer uma comparação entre os lugares e uma descrição das pessoas que vivem e estão em tais locais. Nessa saída de campo fui acompanhada pelos colegas Bruno Cassemiro e Hérika Chagas, além da própria professora.

Em Vicente Pires, Bruno Cassemiro nos contou que o marco inicial da ocupação do local foi na década de 1980, com a Colônia Agrícola Vicente Pires. A consolidação da urbanização no local aconteceu com a implantação de redes como luz e asfalto. Durante os anos houve um processo de divisão das chácaras e transformação destas em condomínios.

Segundo Bruno, a associação de chacareiros de Vicente Pires sempre se relacionou com o governo do Distrito Federal. O novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial traz a criação da Região administrativa de Vicente Pires. O PDOT não regulamenta a ocupação de tal área, mas permite que haja a regulamentação.

Durante a visita notamos que há uma abundância de prédios com pequenos cômodos para alugar, estes são chamados de quitinetes por seus habitantes, mas para os vizinhos mais abastados do local são chamados de cortiços ou favelinha. Em toda a cidade podemos ver uma grande distribuição de pequenos condomínios com guaritas muito bem arrumadas. Na cidade existe uma área comercial muito bem desenvolvida. Ela está em frente a alguns condomínios e se tornou a área central da cidade. Próximo a esse local existem várias quitinetes.

Chegando à associação de moradores vimos uma faixa informando que existe um abaixo-assinado pela permanência dos muros perimetrais e guaritas nos condomínios. A faixa diz: “ABAIXO-ASSINADO PELA PERMANENCIA DOS MUROS E GUARITAS DOS CONDOMINIOS. PARTICIPE! ÚNICA-DF.”

Na associação de moradores fomos recebidos por João¹³, o presidente de uma ONG ambientalista do local. Ele nos contou que existem 31 membros na diretoria da associação de moradores. Ele também nos falou sobre a ONG que chamada “Cidade Verde” e seu objetivo é tornar Vicente Pires a primeira cidade ecológica do DF. Durante a conversa João utilizou várias vezes termos como “ecologicamente correto”, mas disse que para a ONG funcionar realmente ainda é necessário a captação de recursos. Ele ainda disse que Vicente Pires é vista como uma região de problema ambiental, mas argumentou que há como mudar essa imagem.

Sobre o córrego Vicente Pires, João disse que a maior degradação ambiental está fora da área de proteção permanente (APP). Ele também explica que existem quatro tipos de APP em Vicente Pires: declive, vereda, córrego e nascente. João mostrou uma foto da área de 1964 e outra de 2007. Segundo ele, há mais mata ciliar neste ultimo ano. A foto de 1964 é de baixa resolução, não é possível ver a área de mata ciliar de maneira clara e há um grande “vazio” ocupado por cerrado. Hoje neste “vazio” existem casas e várias construções, o que leva a um questionamento sobre o que é visto como dano ambiental.

João nos deu mais dados sobre a cidade nos informando que ainda existem cerca de 90 chácaras não parceladas e mais de 300 condomínios. Ao ser questionado sobre as quitinetes existentes em Vicente Pires, João se mostra seu posicionamento e disse: “é cortiço mesmo”. Ele continua dizendo que há um projeto para assentar famílias de baixa renda em uma área depois da estrutural. No seu discurso transparece que a existência de áreas de baixa renda em Vicente Pires é utilizada com arma política para legitimação da cidade. Ele ainda lembra que na cidade existe a Vila São José, que é uma área de interesse social. João demonstra que há uma associação entre problemas ambientais e pobreza dizendo que neste local há casas em áreas de risco (cerca de 15). Outro dado que ele nos oferece é que 25% da população de Vicente Pires é de baixa renda e ganha até 5 salário mínimos.

Questionado sobre o processo de compra de lotes e casas na cidade ele disse que muitas pessoas compraram chácaras e dividiram. Geralmente sabe-

¹³ O nome do colaborador foi alterado.

se de casas para comprar por placas e anúncios de jornal. João disse que em Vicente Pires não há imobiliária, às vezes alguns corretores. Mas dando uma volta na cidade vemos diversos anúncios, o que pode indicar a presença de tais agentes.

Vicente Pires é uma área de chácaras que tem como documento apenas uma concessão de direitos de uso. O documento fornecido à pessoa que compra um lote em uma dessas chácaras é uma comprovação de venda registrada em cartório e uma cópia da concessão de uso. O governo Roriz forneceu um certificado de regularização fundiária das frações. Este documento não vale como escritura. Segundo João isso é uma prova da conivência do governo com a existência de condomínios irregulares. Ele também disse que esse tipo de ocupação foi gerada pela falta de oferta de imóveis para classe média.

Ao ser questionado sobre os muros em condomínios, João respondeu questionando sobre a segurança e argumentando que o governo não fornece segurança para população. Segundo ele: “O Estado tem que acompanhar a evolução do povo e não o povo acompanhar a evolução do Estado”. Para mostrar seu ponto de vista ele conta que já houve furtos a carros em frente ao posto policial da cidade. Por fim ele disse que a única benfeitoria feita pelo governo foi uma escola infantil que fica em frente à associação.

Saímos da associação e passamos pela feira do produtor. Bruno disse que todos os chacareiros participantes da AFEIVIPS têm barracas nessa feira, mas que muitos deles, como seus pais, alugam as barracas. Segundo Bruno os endereços dos condomínios obedecem aos endereços das antigas chácaras.

Depois de passar a maior parte da manhã em Vicente Pires nos encaminhamos para a Granja do Torto. A professora Cristina nos explicou que a Granja do Torto existe desde a criação de Brasília. Também nos disse que o Condomínio Mini Chácaras Granjas do Torto está ao lado do Parque Nacional de Brasília, localizando-se na área de contenção do parque.

Durante a visita ao condomínio encontramos o síndico do local que nos informou que haveria a inauguração de uma quadra de esportes, com a presença do governador Arruda. O síndico também nos informou que o condomínio pretende ter um sistema de compostagem do lixo. Por ser muito ligado a área de comunicação ele também criou um site para o condomínio.

Ainda demos uma pequena volta na área e nos dirigimos para o almoço. Logo após o almoço fomos para o Grande Colorado e visitamos o condomínio Solar de Atenas. O condomínio possui uma praça com arquitetura singular. Herika nos explicou que isso é fruto da concepção do primeiro síndico do local que acreditava que acima do condomínio há uma cidade celestial. As assembléias do condomínio são feitas em tal lugar.

Herika nos conta que Joaquim¹⁴ foi síndico do local por muitos anos e tem um grupo de oração ligado ao divinismo. Ela também conta que existem diversos trabalhos ambientais no local.

O síndico atual chama-se Matheus e está bem envolvido nas questões da regularização. Segundo Herika o sub-síndico do local já disse sobre a regularização: “A gente pega as armas”, mostrando que para eles a regularização já se tornou uma luta. O condomínio possui uma associação chamada Pro-atenas que cuida das questões de regularização do local.

Herika marca em seu relato dois tempos: a época em que as casas estavam em construção e a época em que as pessoas já residem nessas casas.

Logo depois de passar pelo Solar de Atenas, nos dirigimos para o condomínio Bela Vista. Na entrada, disse ao porteiro que iria visitar minha prima que mora no local e conseguimos acesso ao condomínio. Passamos por diversas ruas do local e notamos que o local é muito bem estruturado. Passei algumas informações sobre o condomínio, como o número de casas e moradores atuais e a existência de todo um sistema de coleta do lixo orgânico e compostagem. Passamos próximos a casa de minha prima e depois disso fui deixada pela professora na casa de uma de minhas tias, em um condomínio próximo.

Realmente achei toda a saída de campo muito proveitosa, pois conseguimos observar vários locais e saber mais sobre o trabalho de nossos colegas.

3.2. Ocupação urbana brasiliense: história, memória, projeto de vida e mercado imobiliário.

¹⁴ Os nomes foram alterados.

Busquei ilustrar acima mais uma das minhas incursões em campo. Nesse caso não estive presente apenas no condomínio Vivendas Bela Vista, mas em outras áreas do Distrito Federal onde o fenômeno dos condomínios horizontais também está presente. A ocorrência desse tipo de ocupação urbana em vários lugares do Distrito Federal demonstra que esse processo tem raízes históricas.

A expansão urbana no Distrito Federal é tema de diversos trabalhos e discussões. O assunto se torna ainda mais proeminente com o aniversário de 50 anos da cidade. Através desses 50 anos Brasília passou por diversas mudanças, principalmente nas áreas vizinhas ao Plano Piloto. Ao longo desses anos houve um grande crescimento urbano, principalmente das cidades satélites. Vários processos de expansão urbana que já ocorriam em outras áreas metropolitanas do país começaram a existir também no Distrito Federal, mas com sua lógica própria. A ocupação irregular de terras pertencentes ao Estado ocorreu em vários pontos do território, mas uma das idiossincrasias de Brasília é que diferentemente de outras cidades onde esse processo é empreendido por representantes das camadas mais pobres da sociedade, aqui as classes médias urbanas também fazem parte desse processo ativamente, criando (entre vários outros tipos de ocupação) os condomínios horizontais irregulares.

A proposta aqui é fazer um apanhado histórico sobre a ocupação irregular no Distrito Federal e analisar como os moradores do condomínio Vivendas Bela Vista se inserem nessa história a partir da aquisição ou recebimento de seus imóveis. Sabemos que de maneira geral um dos fatores apontados é a questão do alto preço de moradias em localidades regularizadas, mas também notamos que esse não é o único fator levado em conta no momento da compra desses imóveis, o que nos leva a crer que lógicas diferentes da lógica do mercado também atuam no momento da aquisição de uma moradia.

Devemos ter em mente a história de Brasília para podermos analisar de maneira mais completa a questão dos condomínios horizontais nessa cidade. Desde o início Brasília foi planejada, o que não é comum no caso de uma cidade. Os processos de assentamento urbano são vistos através da ótica da motivação espontânea. O planejamento urbano maciço, como no caso

brasiliense, não é comumente visto. Há aqui um adendo a ser feito, apesar da crença do surgimento espontâneo das cidades o processo de urbanização não é tão espontâneo assim. Cidades como Olinda, Salvador e Rio de Janeiro sofreram intervenções governamentais que modificaram seu desenho urbano. Nem a espontaneidade nem o total planejamento são regras seguidas pela expansão urbana.

A cidade possui então um desenho que pressupõe caráter ativo nas relações sociais. No projeto urbanístico de Lucio Costa isso fica claro, ele coloca de maneira explícita como a organização da cidade e de seus prédios iria contribuir para a interação entre seus moradores.

Com a construção da cidade de Brasília, várias levas de migrantes se locomoveram até a região, aumentando a população e gerando o surgimento de novas Cidades Satélites em volta da região do Plano Piloto. (Nunes, 2006) Se junta a essa situação a ascendência de Brasília como “patrimônio cultural da humanidade”, no fim da década de 80 do século passado, isso “significou o engessamento de sua evolução física e social” (Nunes, p. 38, 2006). Uma das conseqüências desse engessamento é uma “bolha imobiliária”, que encarece os preços dos imóveis situados no Plano Piloto e acaba fazendo com que muitas pessoas não tenham condição financeira para adquiri-los, fazendo com que exista grande ocupação nas cidades satélites. É necessário ressaltar que isso também ocorre com representantes das classes médias urbanas, que procuram alternativas para este déficit habitacional.

Ser proprietário de uma moradia no Distrito Federal aparece como problemático desde o início da construção de Brasília. Ao contrário do que a maioria das pessoas sabe, o território onde foi construída a cidade de Brasília não era “terra de ninguém”, existiam fazendas nesse local que foram desapropriadas para construção da cidade. No site da Administração Regional de Sobradinho¹⁵ é possível ler uma breve história da região, que se chamava Fazenda Sobradinho e foi apropriada por trabalhadores da construção de Brasília. Esse relato é confirmado por entrevistas feitas por mim em campo, onde moradores do condomínio Bela Vista dizem ser filhos de pioneiros que moravam em Sobradinho.

¹⁵ http://www.sobradinho.df.gov.br/005/00502001.asp?ttCD_CHAVE=5348

Ainda vim criança para cá. Mas na época que eu morava ali (Paraná) fazia muito frio né, a gente sofria bastante com o frio que tinha lá, era bastante intenso. Tivemos problemas lá com o frio, que a gente cuidava de fazenda de café e a gente tinha muita geadas, ai perdia o café, passava bastante necessidade. Ai foi quando lá o meu pai ouviu que Brasília estava sendo construída, foi em meados de 1959/1960 a gente veio para Brasília, meu pai trabalhou na construção de Brasília, foi um dos pioneiros ali também que construiu Brasília, terminou a construção de Brasília, nós ganhamos um terreno em Sobradinho, ai fomos morar em Sobradinho. E meus pais ainda vivem até hoje lá, no mesmo terreno que eles ganharam. (Entrevista concedida por Henrique, atual síndico do condomínio, e na época da entrevista secretário do mesmo)

Sendo assim, as estratégias de aquisição de imóveis são perpassadas pelas estratégias de ocupação ilegal do solo desde o início da ocupação urbana na cidade. Entender melhor como esse tipo de processo se dá, não apenas no campo econômico, mas também no campo psicológico dos indivíduos torna mais fácil a compreensão dos processos de expansão urbana na capital federal. A ocupação ilegal de terras se deu desde o momento da construção de Brasília, segundo Ribeiro:

“A questão da habitação no território da construção remete de imediato à falência do projeto do Estado que pretendia dar conta da fixação provisória da população que chegava, a saber: um território livre basicamente para estabelecimento de comerciantes (Cidade Livre), uma área de acampamentos ligados à Novacap (Candangolândia) e áreas de acampamentos para construtoras particulares (como a Vila Planalto). O rompimento desse esquema inicial se deu em diversos momentos e esteve pontilhado de conflitos que envolviam a participação intensa dos operários da construção civil.” (Ribeiro, 2008:236)

Os moldes desse tipo de ocupação muito se assemelham aos moldes em hoje é feita a ocupação de terras públicas e/ou privadas no Distrito Federal para a formação de condomínios horizontais. Podemos dizer que a principal diferenciação é a questão monetária. Os atuais moradores dos condomínios horizontais de classe média não ocuparam a terra sem pagar por ela. Interessante notar que a estratégia de combate do governo também continua sendo muito parecida. Os condomínios horizontais são vistos (e no que concerne a legislação muitos deles são) invasões de terras. Se a ocupação está em seu início o Estado usa seu poder coercitivo demolindo os imóveis, se não ele passa a englobar tais invasões dentro das administrações regionais. Holston nos mostra como se dava esse processo no caso das invasões à época da construção:

“Este padrão emergiu à medida que as favelas formaram associações voluntárias que tinham como função principal representar seus membros em disputas com o governo. Estas disputas centravam-se em 1) reivindicações pela legalização de posse de terra, em geral apresentadas como exigências em torno dos direitos à ocupação permanente e da “regularização” dos títulos dos terrenos; 2) reivindicações de serviços urbanos como água, esgoto, asfalto e eletricidade; e 3) a defesa de povoados ilegais contra a sua remoção pelas forças policiais. Nestas disputas, as associações funcionaram como grupos representativos comprometidos em uma ação política. Eram representativas no sentido de estarem organizadas em torno de interesses coletivos, e políticas no sentido de procurarem influenciar as decisões do governo e redirecionar a distribuição de seus poderes e recursos” (Holston, 1993:259)

Se levássemos a descrição de Hoston para o contexto dos condomínios horizontais ele estaria explicando as funções de uma administração de um condomínio atual. As administrações de condomínios além de lidar com os problemas diários dos moradores – como a postagem das correspondências, a

distribuição de água, a manutenção das áreas de lazer – também representa os moradores quando o assunto é a regularização de seus imóveis e busca encontrar as melhores saídas para os condôminos.

O primeiro condomínio que se tem notícia em nossa cidade é o “Condomínio Quintas da Alvorada”. Ele já começa a figurar na mídia local no final dos anos 70 e gera diversos debates sobre qual tipo de lei o ampararia e qual órgão estatal seria responsável pela regularização de tal local. O registro em cartório deste condomínio abre precedente para que outras áreas sejam registradas da mesma maneira, mesmo sem existir licenciamento urbanístico ou ambiental para esse tipo de empreendimento.

Segundo dados do jornal “Correio Braziliense” em 1985 já existiam 150 parcelamentos irregulares, em 1989 este número salta para 179 parcelamentos e em 1995 existiam 529 condomínios na capital, sendo que 212 eram de iniciativa da Terracap e 232 apresentavam condições para regularização. Em janeiro de 1999 é criada a SEAF (Secretária de Estado de Assuntos Fundiários), esta é uma iniciativa do governo para averiguar a situação dos condomínios na capital e saber quais eram as iniciativas possíveis para regularizar tais tipos de ocupação. Em 2002 a SEAF é extinta e é criada em seu lugar a SEDUMA que é o órgão responsável pelos assuntos fundiários do Distrito Federal. Com a mudança de governo ocorrida em 2011 a SEDUMA é extinta e é criada a Secretaria de Estado de desenvolvimento urbano e habitação (SEDHAB).

Pelo levantamento da SEDUMA em 2008 no Distrito Federal existiam 513 condomínios irregulares, sendo que 379 estão em zona rural e 134 estão em zona urbana. O ano de 2007 é considerado o marco inicial para a regularização dos condomínios. Segundo legislação a venda direta dos lotes em condomínios irregulares só será feita para as pessoas que ocupam tais áreas anteriormente a 1º de janeiro de 2007, o que preocupa muito os atuais compradores e moradores de tais regiões.

Pode-se dizer que o surgimento desses condomínios seguiu uma tendência mundial, que foi relatada em vários trabalhos sobre as chamadas “Gates communities”¹⁶. Em meados da década de 1990, tais tipos de

¹⁶ Uma pequena definição é dada em Blakely e Snyder *apud* Patrota (2003): “The residences we are discussing are not multi-unit, high-density apartment and condominium buildings with

aglomerações urbanas começam a ser estudadas de maneira mais profunda, sendo um marco o livro “Fortress America. Gated Communities in the United States” de Edward Blakely e Gail Snyder lançado em 1997.

Há uma visão homogeneizadora dos condomínios horizontais no Brasil, como se eles fossem apenas cópias das gates communities americanas (Patriota, 2003). Isso deve ser desmistificado, principalmente no caso de Brasília. Há uma série de processos complexos e específicos de cada região acontecendo para que estes condomínios sejam formados. Assim eles se aproximam muito mais de uma noção de *assemblage*, do que de uma mera reprodução de uma tendência internacional (Patriota, 2009). Os próprios moradores desses locais demonstram de maneira clara que existem paralelos entre a construção de Brasília e a construção do condomínio Bela Vista, demonstrando que para eles esse condomínio não é uma mera imitação de uma gated community:

“Meus pais chegaram do Paraná... Eles foram pioneiros em Brasília... Nós temos aqui os vizinhos pioneiros, aqueles que começaram o condomínio.”
(Entrevista concedida por Henrique, atual síndico do condomínio Vivendas Bela Vista)

É sempre clara também a preocupação dos moradores de demonstrar que não são invasores como os moradores de condomínios de baixa renda, que compraram seus lotes de “boa fé”, pois “tinham documentos registrados em cartório” e foram “enganados” pelos vendedores. Segundo Pinto:

“Com a valorização diferencial estabelecida pelos condomínios, cria-se todo um mercado ilegal de terras que, de forma intencional e heterogênea, promoveu a expansão de uma cidade ilegal. Constitui-se, portanto, uma diferenciação social, econômica e espacial da periferia urbana, com o surgimento de novos padrões de uso, dada a partir de novas

security systems or doormen in which Gates or guards prevent public access to lobbies, hallways or parking lots. Gated communities are different: their walls and fences preclude public access to streets, sidewalks, parks, beaches, rivers, trails, playgrounds – all resources that without gates or walls would be open and shared by all the citizens of a locality.”

lógicas de reconhecimento tanto dos qualitativos e vantagens oferecidos pelos condomínios como da terra pública.” (Pinto, 2009:79)

Poderíamos até dizer que o condomínio horizontal em Brasília se aproxima, de certa maneira, a um tipo de mercado imobiliário limiar (Cavalcanti, 2009). Cavalcanti usa o termo mercado imobiliário limiar para áreas próximas a favelas, que não fazem parte dessa região específica, mas que acabam tendo os preços de imóveis muito próximos aos preços dos imóveis localizados em favelas. Os condomínios horizontais irregulares têm essa proximidade simbólica com as invasões¹⁷, o que faz com que os preços dos imóveis nos dois lugares não sejam muito diferentes (pelo menos no início da empreitada).

Toda essa proximidade simbólica acaba gerando estratégias de diferenciação (Bourdieu, 2008) entre um público e outro, para que o morador de um condomínio irregular, mas de classe média, não seja confundido com alguém na mesma situação, mas de classe baixa. O sonho de possuir uma casa própria pode até igualá-los em algum nível, mas as motivações explicitadas para a compra desse imóvel em um lugar específico os separam. Os símbolos de status são muito importantes quando tratamos dessa diferenciação: “(...) a construção de símbolos de status é um processo que elabora diferenças sociais e cria meios para a afirmação de distâncias e desigualdades sociais” (Caldeira, 2000, p. 259).

Encontrei de maneira veemente a influencia das historias de família nas concepções de moradia dos indivíduos. Em entrevistas, Sofia¹⁸ sempre dizia que sua estadia nos EUA a tinha influenciado no modo de construir sua casa, sem muros, como as casas dos subúrbios americanos. Apesar disso a escolha de morar em um condomínio não parecia ter muita relação com essa estadia, a compra apareceu mais relacionada ao preço do imóvel à época de compra e a possibilidade de criar seus filhos em um ambiente mais aberto, sem a prisão de não poder andar nas ruas e brincar com outras crianças. Essa preocupação está mais ligada a uma preocupação com segurança. Apesar disso a

¹⁷ Aqui quero deixar claro que a separação entre processos tão semelhantes muitas vezes é feita pelos próprios nativos que desejam se diferenciar.

¹⁸ O nome foi alterado a pedido da entrevistada.

preocupação parece ser com uma segurança simbólica, manter seus filhos com pessoas de mesmo nível social e sentir que eles estão “fazendo os amigos certos”.

Este é outro ponto que pode ser ressaltado. Podemos confirmar o que já foi dito pela literatura, os muros não separam somente regiões geográficas, eles separam simbolicamente partes da cidade. Mesmo com a tentativa de explicar os muros como uma medida de segurança em um mundo muito violento, falando principalmente sobre a falta de segurança no Brasil e o aumento dos crimes na região do Distrito Federal, podemos notar que esse não é o único motivo para que as pessoas escolham morar em condomínios. Notamos que há um grande desejo de se diferenciar da maioria das pessoas, morando em um lugar que seja previsto para pessoas de classe média e média alta, onde se espera que seus vizinhos tenham o mesmo nível sociocultural que o morador. Essa separação simbólica que é necessária para que os indivíduos se sintam inseridos dentro de uma comunidade específica, que compartilha de mesmos valores, acaba sendo traduzida em uma barreira física, o muro perimetral de um condomínio. Segundo Patriota de Moura:

“O muro perimetral e a obrigação de identificação de todos que passam por ele também podem ser vistos como parte desse processo que está relacionado ao aumento da violência urbana. Não obstante, é preciso tomar cuidado ao relacionar os muros à violência como se um fosse apenas uma reação ao outro. Por vários motivos. Em primeiro lugar, morar em um condomínio fechado com seguranças armados não é somente uma reação a violência. (...) a presença de guardas armados não significa necessariamente a diminuição da violência. Talvez signifique um direcionamento da violência para “quem merece”, ou seja “os marginais””. (Patriota de Moura, 2010: 5-6)

Há sim um grande aparato de segurança em um condomínio horizontal nos moldes do Bela Vista, como cancelas eletrônicas abertas com as digitais dos moradores, seguranças, portarias e etc. Pelo que pude apreender das

entrevistas pude notar que isso não deve ser visto como apenas um aparato de segurança física e sim um aparato de segurança simbólica. As portarias e cancelas servem para filtrar e monitorar a entrada e saída de pessoas, para garantir que apenas indivíduos desejados ou que se mantêm em posições que não permitem poluição dos moradores do local possam adentrar o condomínio. Novamente esse aparato aparece mais como aparato de proteção simbólica do que de proteção física. Na verdade, existem alguns relatos de casos de furtos no condomínio Bela Vista, mas são tão pequenos que nenhum deles justifica a existência de tantos equipamentos. Sendo assim, apoiada na literatura citada, posso dizer que esses processos podem ser vistos como uma exteriorização física de uma divisão simbólica.

Outro ponto a ser abordado e que aparece especificamente no caso de Brasília é o paralelo feito entre a construção da cidade e a construção do condomínio. Os processos são aproximados, principalmente em suas dificuldades. Em vários relatos os pioneiros da construção de Brasília dizem que quando chegaram ao Distrito Federal tudo era poeira, lama, sujeira, mato. Os pioneiros do condomínio (denominação utilizada por um dos entrevistados), também relatam o mesmo cenário. Os dois tipos de pioneiros aparecem como desbravadores, enfrentando os perigos da natureza e a domando, a domesticando, fazendo com que o local seja habitável. É importante ressaltar que a visão do pioneiro aqui aparece como valorizada, quase como um bandeirante, que desbravou o mato, que passou por intempéries e que trouxe civilização para o local. Este paralelo não pode ser visto como uma igualdade, há diferenças entre os dois “tipos de pioneiros”. As motivações dos dois são diferenciadas. Os pioneiros da construção de Brasília vieram para este local, em primeira instância, para trabalhar (Ribeiro, 2007). Além disso, havia entre eles o sentimento de fazer parte de uma grande obra, de se sentirem incluídos na história de seu país por estarem imbuídos da missão de desbravar a fronteira oeste. Os pioneiros do condomínio fazem a escolha de morar nesse local em busca de uma qualidade de vida diferenciada por um preço acessível. Buscam um local para criar seus filhos, onde eles poderão estar próximos de “pessoas de bem” e como os mesmos ideais. Esses pioneiros estão mais preocupados com beneficiar a sua família e demonstrar seu status social.

É interessante notar que a história da Região Administrativa de Sobradinho entrelaça as histórias dos pioneiros da construção e dos pioneiros dos condomínios. Sobradinho é em boa parte produto da luta dos moradores da antiga Vila Amauri, uma vila de trabalhadores localizada próxima ao Palácio da Alvorada, em uma área que seria inundada com a construção do Lago Paranoá. A vila possuía este nome, pois Amaury de Almeida, um funcionário da Novacap teria liderado seu estabelecimento. Este funcionário tinha pretensões políticas e fazia campanhas no local. Depois de muitos problemas e pelo intermédio de uma associação de moradores do local, os trabalhadores foram transferidos para Sobradinho (Ribeiro, 2007). Henrique, o síndico do condomínio Bela Vista, é filho de pioneiros da construção e se considera um dos pioneiros do condomínio. Ele também passou pelas intempéries do clima do planalto central e desbravou o mato e a lama, mas com objetivos diferentes dos primeiros pioneiros.

Os moradores pioneiros muitas vezes se lembram de uma época anterior, onde havia muito contato com a natureza e os passarinhos “comiam em suas mãos”. Essa época é o início do condomínio, quando haviam poucos moradores no local e a natureza ainda não estava totalmente domesticada. Nessa época o condomínio também era um lugar um tanto inóspito, mas os entrevistados demonstram ter boas lembranças desse tempo. Dizem também que havia mais cooperação entre os vizinhos, que tinham que se ajudar mutuamente devido a falta de recursos. O condomínio horizontal aqui não começa como um empreendimento¹⁹, como algo com finalidades já determinadas, mas ele pode ser visto como processo. Nas entrevistas feitas, os moradores contam que não chegaram a um local com uma infraestrutura já montada, eles tiveram que construir suas casas e melhorar as ruas do local em que vivem “com o suor de seu rosto”²⁰. Devo observar também que mesmo no

¹⁹ Contraponho aqui uma noção específica de empreendimento apresentada por Patriota de Moura (2003), no caso estudado, na cidade de Goiânia, há todo um aparato legal (Lei municipal 7.042) e um planejamento estrutural (como a abertura de novas vias, estudos de impacto ambiental, etc) para a formação de um condomínio, o que não ocorre em Brasília nas décadas de 90 e 2000. Isso por si não retira o caráter empreendedor dos moradores e administradores destes locais já que estes são empreendedores no sentido palpável do termo quando se trata de construir suas casas e constituir um condomínio: Que ou aquele que empreende; que é animoso para empreender (Definição do dicionário Priberam da língua portuguesa).

²⁰ Esse é um dos pontos de grande polemica entre os proprietários de casas em condomínios e o Governo do Distrito Federal. Hoje, muitos moradores pagam IPTU, mas dizem que tal

caso do condomínio horizontal começar como empreendimento, como algo que tem finalidades, ele acaba se realizando como processo complexo. Mas estes dois processos têm um decorrer diferente. No caso do Vivendas Bela Vista em Brasília, o condomínio acabou se tornando, após 20 anos, um condomínio de classe média e média alta. Nos condomínios advindos de empreendimentos podemos dizer que já existe essa finalidade de classe “embutida”. Os condomínios construídos por empreendedores visam um público alvo específico. Cada um deles é construído com um padrão de casas que é idealizado para atender um padrão de renda específico. Caso etnográfico interessante pode ser visto em Patriota de Moura (2003), onde é relatada a idealização e a construção de um condomínio para a classe média goianiense ao lado de um grande condomínio de classe média alta. A autora nos mostra diferenças claras entre a arquitetura de um local e de outro. O primeiro condomínio com casas mais simples e o segundo com casas de alto padrão.

Durante as entrevistas feitas pude saber um pouco mais sobre a história do Condomínio Bela Vista. O condomínio surgiu no fim da década de 1980. Segundo um dos entrevistados, Seu Chiquinho, o condomínio foi criado a partir da iniciativa do dono da Fazenda Paranoazinho, Seu Bolívar, que vendeu as terras para que eles fossem divididas, e ficou com setenta lotes no local. Segundo este mesmo entrevistado vários desses lotes foram doados por Seu Bolívar, sendo que dois deles para ele. Outro entrevistado, que faz parte do quadro da administração do condomínio, conta que seu Bolívar era apenas um arrendatário da terra e que as terras foram vendidas por uma imobiliária. O segundo entrevistado ainda cita um nome diferente para a fazenda, chamando-a de São João da Contagem, que na verdade era uma terra pública arrendada, o que hoje faz com que a situação do condomínio seja mais favorável²¹ para regularização fundiária.

Podemos dizer que a versão do segundo entrevistado, Henrique, pode ser vista como a versão oficial, a versão da administração do condomínio Bela

cobrança não é justa, pois foram eles através de iniciativa própria e com o dinheiro recolhido com taxas condominiais que construíram toda a estrutura urbana dos locais onde moram, se ajuda do governo.

²¹ Durante as entrevistas o secretário do condomínio Bela Vista, Paulo, me explicou que para eles o fato de serem vinculados a uma terra pública facilitaria a regularização. Ele me explicou que essa situação deixaria a regularização mais barata para os condôminos que não teriam que pagar um alto valor por sue imóvel novamente.

Vista. A primeira versão não é reconhecida pela administração, e não é utilizada nas tentativas de regularização feitas pela administração. Esses relatos orais discordantes nos mostram como a memória pessoal e coletiva se forma. Os processos de formação dessa memória têm relação intrínseca com a formação social da pessoa. As histórias que são compartilhadas por um grupo são parte de sua identidade. Quando os moradores do condomínio Bela Vista relembram os tempos difíceis que viveram no início da ocupação do condomínio, ou como era a fazenda que estava naquele lugar antes do condomínio existir, eles refazem mentalmente a sua história e essa história acaba remetendo a uma identidade específica. A memória serve aqui como mais um dos fatores criadores de identidades de grupo e identidades particulares. Essas identidades explicam/justificam a escolha de certas pessoas de morar em um condomínio.

A aquisição de um imóvel se torna novamente um marco formador da identidade dos condôminos. A escolha de um modo de vida específico, mesmo que dentro da ilegalidade de um condomínio horizontal de classe média/alta os diferencia dos “outros”, os invasores de terras, e os aproxima da camada média urbana. O projeto de viver em um lugar que propicie conforto, liberdade e proximidade com uma vida tranquila congrega os moradores do Vivendas Bela Vista. A definição de projeto de Gilberto velho me parece muito coerente nesse caso:

“O projeto é uma forma de manipular e dar uma direção a conjuntos de símbolos existentes em uma cultura. Implica sempre algum tipo de seleção em função de experiências, necessidades e estratégias particulares. A possibilidade de construir e expressar projetos próprios é uma das maneiras de distinguir grupos sociais enquanto unidades com um mínimo de integração, pois o projeto é indispensável para a organização de indivíduos em torno de interesses comuns.” (Velho, 1981, PP. 108-109 *apud* Patriota de Moura, 2003, p. 81)

Podemos pensar a partir dos relatos de Chiquinho e Henrique as várias significações do termo dono. Para Chiquinho, Seu Bolívar era dono. Administrava uma fazenda, contratava funcionários, decidia o que seria cultivado. Seu Bolívar, provavelmente, não possuía documentos que comprovassem que ele era proprietário das terras, mas por administrar o lugar ficou gravado na memória de Seu Chiquinho que ele era o dono. Já Henrique demonstra ter outra concepção do termo, quando ele chama Bolívar de arrendatário ele quer chamar a atenção para o fato de que Bolívar usufruía das terras, mas não tinha os documentos que lhe davam plenos direitos sobre elas. O entrevistado utiliza essa concepção da palavra no caso de Bolívar, mas em seu próprio caso não, pois ele mesmo não possui os documentos que lhe dão plenos poderes sobre seu imóvel. Isso demonstra que os termos e suas concepções são utilizados conforme as ocasiões. É mais vantajoso para Henrique usar o termo dono de um modo em uma situação e utilizá-lo de outra maneira em outra. As compreensões da realidade e das memórias são moldadas para que o indivíduo obtenha vantagens.

No condomínio também podemos observar muito da convivência humana geral. Notamos que os comportamentos das pessoas diante de certas situações são ajustados conforme a exigência. Como modelam as belas fachadas de suas casas as pessoas modelam as fachadas de suas vidas. Exemplo disso foi como fui recebida em certos locais. Na casa de Sofia, por exemplo, fui recebida como membro da família, sem muitos pudores, por conhecer a família há muitos anos e ter relações estreitas com todos no local. Já no caso de Henrique, outro entrevistado, fui recebida como se fosse uma estudante interessada em saber coisas sobre o condomínio, alguém para quem ele devesse mostrar a melhor face (não só a sua, mas também da administração do condomínio). No primeiro caso posso dizer que de certa forma fiz parte dos bastidores do local, fiquei sabendo que certas coisas não funcionavam tão bem e que não eram de agrado. No segundo caso vi apenas a fachada, os elementos pelos quais a administração se orgulhava, seus projetos suas metas. Vemos também que essa divisão depende muito do grau de intimidade, da história que se tem como seu interlocutor. Em um primeiro contato com um estranho sempre buscamos mostrar o nosso melhor. Já para

alguém que já nos conhece é mais fácil mostrar nossas dificuldades e fragilidades.

Conclusão

A expansão urbana de Brasília é um tema que foi trabalhado diversas vezes por vários autores. O fascínio que foi exercido pela transformação da capital da república em metrópole chamou a atenção de vários pesquisadores em diferentes épocas. Posso dizer que esse fascínio também me fisgou. Sempre fui uma admiradora da cidade de Brasília e ter a oportunidade de tratar esse tema me foi muito gratificante.

O ordenamento territorial do crescimento das cidades está intimamente ligado a questões simbólicas. O espaço não se desenha espontaneamente, mas tende a ser separado simbolicamente por *espaços de estilo de vida* (Bourdieu *apud* Barros, 1996). O caso brasileiro aglomera diversas questões relacionadas a tal constatação, como: a posse estatal da terra, a contestação de direitos de ocupação, a busca por status social, a chamada crise habitacional, dentre outros.

Hoje o “mundo dos condomínios” vive uma nova fase no Distrito Federal e a montagem de um novo cenário já foi iniciada. Similar ao que acontece em Goiânia grandes empreendimentos estão chegando à capital federal. Os novos condomínios não são mais ocupações irregulares, hoje eles estão em áreas legalizadas e com projetos urbanísticos aprovados pelo Estado.

Essa mudança na concepção dos condomínios horizontais da cidade trará certamente novas lógicas e novas maneiras dos moradores se pensarem. Se o lugar onde se mora aparece como uma grande referência para a formação da identidade, novas formas de morar podem trazer novas implicações morais para estes indivíduos que buscam se diferenciar.

Os muros, as cancelas e as preocupações com segurança são uma marca da atual fase dos condomínios e dessa que está por vir. A demarcação de pares é essencial para que a segurança simbólica seja mantida. Essa busca por esse tipo de segurança parece ser uma constante da classe média e aparece não só nos condomínios, mas também em projetos como os de fechar quadras (caso da Octogonal) ou da tentativa de cercar os pilotis dos prédios no Plano Piloto.

Essa busca por esse tipo de diferenciação e segurança pode ser colocada em contraste com a questão da ilegalidade da ocupação de terras, mas creio

que esse não é o ponto mais importante em minha discussão. Aqui o que importa mais é pensar quais são as motivações, os “porquês” de se morar em um condomínio. Através deste trabalho pude perceber que histórias de vida diferenciadas podem gerar processos muito parecidos em que a vida em uma casa que possua certos recursos faz parte de um *projeto* que inclui a concepção de família e de bem estar dos indivíduos. Essa concepção é compartilhada através de uma visão de mundo e um ethos de classe: o direito a possuir uma casa está ligado ao merecimento e ao esforço destes indivíduos que são vistos como vencedores e por isso tem um padrão de conduta respeitável. Os que não possuem tais qualidades não podem usufruir desse paraíso e são expulsos, gerando uma proximidade ambígua e muitas vezes perigosa, como no caso de Seu Chiquinho.

É preciso perscrutar com maior detalhamento essa realidade diferenciada que é a vida em um condomínio horizontal brasiliense. O que apresentei aqui é só uma visão parcial, um dos pontos de vista que podem ser encontrados sobre este assunto. A abertura para novos horizontes e a mudança situacional que está ocorrendo no Distrito Federal pode nos trazer novas indagações e novos panoramas sobre este assunto.

Bibliografia

Barros, Claudia Jeanne da Silva (1996) *Do ilegal ao simbólico: “Os condomínios irregulares” no DF*. Dissertação de mestrado. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

BORGES, Antonádia. 2004. *Tempo de Brasília: etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará

Bourdieu, Pierre (2008) [1979] *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp.

Caldeira, Teresa Pires do Rio (2000) *CIDADE DE MUROS: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed. 34.

Cavalcanti, Mariana (2007) *Do barraco à casa: tempo, espaço e valor(ES) em uma favela consolidada*. 31º encontro anual da ANPOCS.

_____ (2009) *A construção social do valor em mercados imobiliários “limiães”*. 33º encontro anual da ANPOCS.

Douglas, Marry (1976) *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.

Duarte, Luiz Fernando Dias e Gomes, Edlaine de Campos (2008) *Três famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro, FGV.

Foot Whyte, William (2005) [1943] *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Halbwachs, Maurice (2006) “Memória coletiva e espaço” in *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.

Hoston, James (1993) *A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia*. São Paulo: Companhia das Letras. pp. 289 – 318

Nunes, Brasilmar Ferreira (1999) “Distrito Federal e Brasília: dinâmica urbana, violência e heterogeneidade social” in *Cadernos metrópole n°1*. São Paulo: EDUC.

_____ (2003) “A lógica social do espaço” in *Brasília: controvérsias ambientais*. Aldo Paviani e Luiz Alberto de Campos Gouvêa (orgs.) Brasília: Editora UnB.

_____ (2006) “O sentido urbano de ocupações espontâneas do território: Uma periferia de Brasília” in *Sociologia das capitais brasileiras: participação e planejamento urbano*. Brasilmar Ferreira Nunes (org) Brasília: Liberlivro.

Park, Robert Ezra (1987) [1916] “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” in Velho, Otávio (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. pp. 26-67

Patriota de Moura, Cristina (2003) *Ilhas urbanas: novas visões do paraíso. Uma discussão etnográfica dos condomínios horizontais*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação do museu nacional na UFRJ.

_____ (2008) *As trajetórias da formalização: Condomínios Horizontais em Brasília*. 32° encontro anual da ANPOCS.

_____ (2010) *Horizontes de condomínios: muros, medos e perigos?* In Machado, Lia Zanotta; Patriota de Moura, Cristina e Borges, Antonádia (orgs) *Cidade, medo, (In) Segurança*. São Paulo. ED. Francis (No prelo).

_____ (2010) “Condomínios” no DF: clubes, favelas ou cidades? Paviani El Alli (orgs) *Brasília 50 anos: da capital a metrópole*. Brasília Ed. UnB.

_____ (2010) “Condomínios e Gated communities” *In*: Anuário antropológico 2009/II. Brasília: Ed Tempo Brasileiro.

Pinto, Marizângela Aparecida de Bortolo (2009) *Condomínios horizontais fechados e a ilegalidade urbana em Brasília: representações sociais do espaço urbano e as contradições de uma cidade planejada*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia da Universidade de Brasília.

Ribeiro, Gustavo Lins (2007) *O capital da esperança. A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora UnB.

Vasconcelos, Adirson (1988) *As cidades satélites de Brasília*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal.

Vidal, Laurent (2009) *De Nova Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX)*. Brasília: Editora UnB.